



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Planaltina – FUP
Curso de Gestão Ambiental

GILNÁRIA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**TRABALHO, MULHER E NATUREZA NAS MARGENS DA SOCIEDADE E DO
CERRADO: A SUSTENTABILIDADE NO EXTRATIVISMO DO COCO BABAÇU NO
POVOADO MANGUEIRA, MARANHÃO**

Planaltina - DF
2019

GILNÁRIA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**TRABALHO, MULHER E NATUREZA NAS MARGENS DA SOCIEDADE E DO
CERRADO: A SUSTENTABILIDADE NO EXTRATIVISMO DO COCO BABAÇU
NO POVOADO MANGUEIRA, MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade UnB Planaltina como atividade
programada pela disciplina de Trabalho de
Conclusão do Curso II de Gestão Ambiental.

Orientador: *Philippe Pomier Layrargues*

Planaltina – DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

NN244t Nascimento , Gilnária de Oliveira
Trabalho, Mulher e Natureza nas Margens da Sociedade e
do Cerrado : A Sustentabilidade no Extrativismo do Coco
Babaçu no Povoado Mangueira Maranhão / Gilnária de
Oliveira Nascimento ; orientador Philippe Pomier
Layrargues. -- Brasília, 2019.
53 p.

Monografia (Graduação - Gestão Ambiental) -- Universidade
de Brasília, 2019.

1. Cerrado. 2. Babaçu . 3. Quebradeira de Coco . 4.
Ecologismo Popular . 5. Agroextrativismo , Ecofeminismo . I.
Layrargues, Philippe Pomier , orient. II. Título.

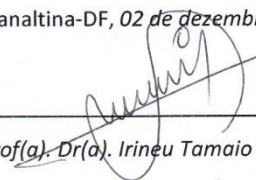
Gilnária de Oliveira Nascimento

Trabalho, Mulher e Natureza nas margens da sociedade e do Cerrado: a sustentabilidade no extrativismo do coco babaçu no Povoado Mangueira, Maranhão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Banca Examinadora:

Planaltina-DF, 02 de dezembro de 2019.



Prof(a). Dr(a). Irineu Tamaio – FUP/UnB



Prof(a). Dr(a). Philippe Pomier Layrargues – FUP/UnB



Prof(a). Dr(a). Tânia Cristina da Silva Cruz – FUP/UnB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus criador da vida e de todas as coisas existentes a seu filho unigênito Jesus Cristo a quem eu tenho como meu senhor e salvador.

Há tantas pessoas que quero agradecer, a meus pais que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida, a minha querida e estimada irmã **Milena** que me ajudou a ingressar em curso superior.

Entre tantos agradecimentos, não só especial mas extraordinário, a **Joana de Oliveira Alves**, uma colega com quem por algumas vezes partilhei a mesma classe mas nunca havíamos trocado sequer uma palavra, foi uma colega em comum que nos aproximou, foi durante um jantar no refeitório da universidade enquanto eu falava sobre o tema deste presente trabalho, ela me questionou porque eu havia escolhido o tema coco babaçu para fazer minha monografia. Então a partir daquele momento ela me contou a sua história que por durante muitos anos havia exercido a atividade de quebradeira de coco babaçu no estado do Maranhão, e logo se prontificou a me ajudar incondicionalmente. Sem a ajuda da Joana a realização desse trabalho não seria possível. A Joana é uma parte fundamental para a realização deste trabalho, foi ela a responsável por conseguir realizar as entrevistas com as quebradeiras de coco babaçu. Joana foi durante um certo tempo apenas uma colega de classe, mas hoje se tornou mais que uma amiga para mim, obrigada Joana.

Quero agradecer em especial a três professores entre eles, **Carolina Lopes Araújo**, doutora em desenvolvimento sustentável, e pós doutora em Ciências Ambientais. A Dra. Carolina foi, é, e sempre será uma pessoa importante na minha trajetória, muito obrigada pela ajuda, apoio e conselhos que você me deu durante o período em que fui sua aluna. A você Carol, assim chamada carinhosamente por todos que te adoram os meus sinceros agradecimentos, desejo a você toda a felicidade do mundo e que você continue alçando voos cada vez mais altos na sua carreira profissional.

Ao professor Dr. **Philippe Pomier Layrargues**, doutor em ciências sociais, meu orientador nesta presente monografia, a você professor agradecimentos são poucos para lhe atribuir, você antes de me ajudar a escolher um tema, não procurou apenas saber quem era a aluna que estava na sua frente ou os desempenhos acadêmicos de tal aluna, mais primeiro procurou saber quem era o ser humano que estava na sua frente, a história de vida, e os caminhos que fizeram este ser humano chegar até a universidade. Desta maneira entendendo a minha

história e contexto de vida me ajudou a chegar em um tema que tivesse de acordo com minha alma. Meu orientar e professor mais do que ninguém sabe das minhas dificuldades e falhas, mas sempre me apoiou para que eu pudesse superá-las, e me ensinou que por mais que os desafios sejam difíceis temos que ter resiliência para superá-los, professor nos momentos difíceis percorridos para a finalização deste trabalho você sempre foi uma pessoa com quem eu pude contar. Professor Dr. **Philippe Pomier Layrargues** obrigada, por ter me estendido a mão todas as vezes que eu precisei.

A professora **Dra. Tânia Cristina Cruz**, doutora em sociologia, obrigada professora Tânia pelo apoio que sempre me deu e por sempre tentar levantar minha autoestima nos momentos difíceis e por sempre me dizer que eu sou capaz de fazer qualquer coisa mesmo que por muitas vezes eu duvide disso.

In memoriam: Antônia Martins, minha avó querida.

In memoriam: Raimundo José de Oliveira, meu estimado avô.

AVE MARIA DAS QUEBRADEIRAS

“Ave Palmeira, que sofre desgraça,
Malditos derrubam, queimam e devastam.
Bendito é teu fruto que serve de alimento
E no leite da morte ainda nos dá sustento.

Santa mãe palmeira,
Mãe de leite verdadeiro.
Em sua hora derradeira,
Rogai por nós quebradeiras”.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar a importância da atividade extrativista do coco babaçu para a preservação dos babaçuais e para a manutenção da identidade das mulheres quebradeiras de coco, frente à expansão urbana e agropecuária no Cerrado. Depois de contextualizar os povos tradicionais e as matas de cocais presentes no bioma Cerrado, exploramos teoricamente a correlação do perfil dessas mulheres quebradeiras de coco babaçu com o Ecofeminismo e com o Ecologismo Popular, tendo em vista a fundamentação conceitual apropriada para orientar a elaboração do instrumento de pesquisa de forma coerente com os objetivos do estudo. Para tanto, foi realizada uma entrevista junto a três quebradeiras de coco do povoado Mangueira, localizado no município de Vitorino Freire, Maranhão; estado onde se concentram as maiores porções florestais dessa palmeira, buscando entender as lógicas de vida e sobrevivência em que essas quebradeiras de coco babaçu estão inseridas, e as práticas de sustentabilidade e lutas pela preservação do babaçu que realizam. Identificamos que dependendo do cenário em que cada comunidade de quebradeira de coco está inserida, há uma maneira diferente de agir: as quebradeiras que não tem acesso às palmeiras de babaçu se engajam politicamente para ter acesso as terras onde estão localizadas as palmeiras, já as que tem acesso sem restrições, como é o caso das mulheres do povoado Mangueira, predomina a luta pela valorização econômica do babaçu e pelas condições de trabalho. Elas entendem a natureza como uma dádiva, pois é dali que retiram seu sustento, se percebem como ecologistas e afirmam que proteger o babaçual equivale a proteger o próprio meio de vida, corroborando a identidade do ecologismo popular.

Palavras-Chave: Cerrado, Babaçu, Quebradeira de Coco, Ecologismo Popular, Agro Extrativismo, Ecofeminismo.

ABSTRACT

This work aims to verify the importance of the babaçu coconut extraction activity for the preservation of babaçu and the maintenance of the identity of coconut breakers women, in view of the urban and agricultural expansion in the Cerrado. After contextualizing the traditional peoples and coconut groves present in the Cerrado biome, we theoretically explored the correlation of the profile of these babaçu coconut breakers women with Ecofeminism and Popular Ecology, in view of the appropriate conceptual basis to guide the elaboration of the instrument. consistent with the objectives of the study. To this end, an interview was conducted with three coconut breakers from Mangueira village, located in Vitorino Freire, Maranhão; state where the largest forest portions of this palm tree are concentrated, seeking to understand the logic of life and survival in which these babaçu coconut breakers are inserted, and the sustainability practices and struggles for the preservation of babaçu that they performer. We identified that depending on the scenario in which each coconut breaker community is inserted, there is a different way of acting: the breakers that do not have access to babaçu palm trees engage politically to gain access to the lands where the palm trees are located, as It has unrestricted access, as is the case with women from Mangueira village. The struggle for the economic valorization of babaçu and working conditions predominates. They understand nature as a gift, because that's where they derive their livelihoods, perceive themselves as ecologists, and claim that protecting the babaçu equals protecting their livelihoods, corroborating the identity of popular ecologism.

Keyword: Cerrado, Babaçu, Coconut Breaker, Popular Ecology, Agro Extrativism, Ecofeminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: estimativa da perda do Cerrado brasileiro	12
Figura 2: áreas de ocorrência do coco babaçu.....	13
Figura 3: tamanho e composição média do fruto do babaçu em porcentagem do fruto total ..	18
Figura 4: palmeiras de coco babaçu.....	199
Figura 5: catadora quebrando coco.....	20
Figura 6: catadora quebrando coco.....	20
Figura 7: projeto de uma máquina para a colheita mecanizada do babaçu	21
Figura 8: Município de Vitorino Freire.....	27
Figura 9: casa pertencente ao Povoado Mangueira	28

SUMÁRIO

1	A CRISE AMBIENTAL E A SUSTENTABILIDADE	8
2	NATUREZA E CULTURA NO CERRADO	11
2.1	O BIOMA CERRADO	11
2.2	AS FLORESTAS DE BABAÇUAIS.....	12
2.3	OS POVOS TRADICIONAIS DO CERRADO.....	13
2.4	AGRO EXTRATIVISMO NAS FLORESTAS DE BABAÇU	14
3	ECOFEMINISMO NO TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO	17
4	ECOLOGISMO POPULAR NA DEFESA DOS BABAÇUAIS	23
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	277
5.1	DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	27
5.2	METODOLOGIA DE PESQUISA	29
6	ANÁLISE DOS DADOS	311
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
	APÊNDICE 1.....	44
	APÊNDICE 2	45

APRESENTAÇÃO

Nasci no município de Esperantina-PI, sou mulher, negra, de origem humilde, filha de um lavrador e de uma quebradeira de coco que não atua mais no extrativismo do babaçu. Sempre andei pelos caminhos da vida de cabeça baixa como se a minha presença neste mundo fosse um incômodo. Esta era primeira palavra que usava para me dirigir a alguém, desculpa por “incomodar”.

Esta monografia tem o título de “Trabalho, Mulher e Natureza nas margens da sociedade e do Cerrado: a sustentabilidade no extrativismo do Coco Babaçu no Povoado Mangueira, Maranhão”. Mas se esse trabalho tivesse outro subtítulo poderia ser “de volta às minhas origens”; porque este trabalho não foi escolhido ao acaso, mas sim porque o tema faz parte da minha história de vida, por ser filha de uma mulher que foi Quebradeira de Coco e que por durante muitos anos teve a própria vida ligada ao babaçu.

É com essa revisita ao passado, com o olhar sensível desse pertencimento sociocultural e ao mesmo tempo, com o olhar profissional desenvolvido a partir da perspectiva da Gestão Ambiental, que essa monografia de graduação me possibilitou resgatar o orgulho de minhas origens e principalmente de saber que a minha essência está ligada de alguma forma a uma comunidade tradicional extrativista, que são as mulheres quebradeiras de coco babaçu. Mais do que uma homenagem a essas guerreiras, a pesquisa aqui elaborada significa a esperança de agora poder retribuir com suas lutas.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é demonstrar como a economia popular extrativista do Babaçu pode contribuir para a preservação ambiental e para a manutenção da identidade cultural das Quebradeiras de Coco.

A quebra do coco babaçu é uma atividade extrativista realizada quase exclusivamente por mulheres, e que passa de geração em geração dentro das famílias tradicionais camponesas. O coco babaçu proporciona às quebradeiras uma certa independência, com a renda obtida com o coco elas contribuem com a renda familiar e portando acabam tendo autonomia. Trata-se de uma cultura extrativa que assegura a sobrevivência de milhares de famílias por toda área de abrangência da palmeira.

O bioma Cerrado é estimado em 204 milhões de hectares acordo com CORRÊA e LOUZADA (2010) o Cerrado pode ser caracterizado pela sua formação vegetal, fitofisionomia que se assemelha a outras savanas tropicais. Os fatores naturais que proporcionam a continuação da biodiversidade no Cerrado são o clima, a topografia assim como as características químicas do solo. É no Cerrado que ocorre os Babaçuais. Contudo, em alguns territórios, as terras onde ocorrem as florestas dos babaçuais não pertencem a essas comunidades tradicionais, e os donos das fazendas impedem o acesso das mulheres quebradeiras de coco, gerando situações conflituosas no campo.

Além dessa interdição de acesso, a expansão urbana e o avanço da fronteira agrícola no bioma Cerrado vêm causando uma pressão constante nos ecossistemas naturais; como desmatamento, perda da biodiversidade, degradação ambiental e danos às populações tradicionais. Um dos grandes problemas enfrentados pelas quebradeiras de coco babaçu é causado pelo avanço da agropecuária; os fazendeiros visando expandir seus negócios, derrubam as palmeiras para converter as áreas dos babaçuais em áreas de pasto para o gado ou para o plantio de monoculturas como a soja, o milho e a cana de açúcar. Quando ocorre o desmatamento ou o envenenamento das palmeiras o impacto não ocorre apenas nos babaçuais mas também na vida das quebradeiras de coco lhes ferindo intimamente, operando como uma violência impactando em seu trabalho e em sua vida (BARBOSA, 2008, p. 263).

A sustentabilidade tem um papel fundamental não apenas para a preservação do coco babaçu, mas, para a preservação do meio ambiente. A sustentabilidade se faz

necessária em todos os modos de desenvolvimento, econômico, social e ambiental, principalmente com a crise ambiental global enfrentada atualmente. A sustentabilidade pode ser entendida como a capacidade de extrair um determinado bem sem a ocorrência da exaustão daquele recurso.

Os processos da globalização econômica impulsionaram a humanidade para o consumo desenfreado, onde o sujeito só pode obter a plena realização do eu, de seus desejos e anseios através do consumo. A proposta do mundo atual é que a felicidade e a satisfação plena só é obtida através do consumo, cada vez mais acumular bens materiais, ilimitadamente. Não há a preocupação com os danos ambientais ou muito menos os impactos sociais causados para criação do bem, tornando o indivíduo de certa forma individualizado e fragmentado, alheio ao direito do outro enquanto natureza e dos direitos dos outros em coletividade.

A sociedade consumista moderna pode ser caracterizada como a sociedade do valor, o sujeito vale o que produz e consome. Isso é bom para a economia capitalista, que visa cada vez mais expandir esse sistema de forma econômica e industrial. A ideia é crescer cada vez mais, não importa de que maneira esse crescimento vai ocorrer; porém há um impasse para o sistema capitalista: os limites dos recursos naturais em muitos países. Já não há acesso a água, pessoas morrem de fome diariamente por falta de alimento, grandes catástrofes ocorrem e com elas a disseminação de doenças por causa da degradação ambiental. Isso ocorre porque o discurso do desenvolvimento capitalista se sobressai aos direitos e interesses da minoria. O desenvolvimento só é sustentável se for feito de acordo com a capacidade de resiliência dos ecossistemas, ou seja, a capacidade de suporte terrestre e com equidade social.

O avanço da agropecuária demanda o aumento da área de pasto para a produção animal, devastando o meio ambiente devido à derrubada da cobertura vegetal natural. A expansão da agropecuária provoca o risco de extinção dos babaquais, e isso compromete a continuidade do modo de vida tradicional das mulheres quebradeiras de coco.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender como se estabelecem as relações entre *cultura*, *trabalho* e *natureza*, ao analisar como uma cultura tradicional desenvolve um estilo de vida e uma forma de produção extrativa sustentável.

Como questões de pesquisa, indagamos primeiro, se o modo de vida e de produção tradicional das quebradeiras de coco babaçu se enquadra na categoria conceitual do

campo ambiental denominada de “ecologismo popular”. Em linhas gerais, o ecologismo popular é aquele tipo de defesa do ambiente que é feito por grupos sociais que retiram seu sustento, por sucessivas gerações, dos recursos naturais presentes nos seus territórios. Quando esses territórios são ameaçados por outras atividades econômicas vindas do avanço da fronteira desenvolvimentista, a defesa da natureza acaba sendo uma consequência intrínseca da defesa daquele modo de vida tradicional. Indagaremos também como se processa o protagonismo feminino desse ativismo ambiental, analisado pela perspectiva conceitual do “ecofeminismo”.

Nesse contexto, pretendemos como Objetivo Geral desta pesquisa, demonstrar a importância da sustentabilidade para a preservação dos babaçuais e para a preservação da identidade das quebradeiras demonstrando como a economia popular extrativista do Babaçu pode contribuir para a preservação ambiental e para a manutenção da identidade cultural das Quebradeiras de Coco.

O objetivo principal desta pesquisa é demonstrar a relação entre a preservação dos babaçuais e o extrativismo sustentável: proteger o modo de vida baseado no extrativismo do babaçu significa também proteger as florestas de babaçu. Trata-se de uma relação indissociável, um duplo benefício adquirido quando se escolhe investir na preservação de uma cultura regional que se desenvolveu num ambiente natural muito específico como são os babaçuais.

Como Objetivos Específicos, pretendemos demonstrar os benefícios da preservação dos babaçuais para o meio ambiente e para a sociedade; analisar a importância do coco babaçu para o empoderamento das quebradeiras de coco; demonstrar a importância das cooperativas e outras formas de organização social na vida das quebradeiras de coco.

Essa presente monografia se mostra relevante porque apesar de existirem movimentos que dão voz às quebradeiras de coco, como o Movimento Interestadual de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e as cooperativas que melhoram a vida das quebradeiras; ainda existem regiões onde as quebradeiras não são organizadas, cada uma quebra o coco para si, a venda ainda depende de atravessadores, e as áreas dos babaçuais vem sofrendo uma pressão constante devido à expansão da agricultura e pecuária e à expansão urbana.

1 A CRISE AMBIENTAL E A SUSTENTABILIDADE

No início da relação entre o ser humano e a natureza, a natureza era soberana. De acordo com KRÜGER (2001) o ser humano entre 40 e 50 mil anos atrás era caçador e coletor, com técnicas rudimentares; mas com o surgimento da agricultura a dez mil anos atrás, tudo se transformou. O ser humano moderno abandonou o nomadismo para se tornar um ser sedentário e dominador da natureza, através de técnicas avançadas para transformar a terra e obter sustento. As modificações tanto nos seres humanos quanto na natureza fazem parte de um processo evolutivo natural, porém toda evolução tem suas consequências tanto boas quanto ruins, a evolução do ser humano para a natureza trouxe graves consequências que são presenciadas com maior gravidade nos dias de hoje, ante uma crise ambiental global e o colapso climático planetário.

A crise ambiental tem sua causa na relação estabelecida entre o ser humano moderno e a natureza ao longo dos séculos, notadamente a partir da revolução industrial. A civilização moderna enfrentou e enfrenta grandes problemas ambientais por não perceber que ainda precisa da natureza para sobreviver, e durante um certo período, a palavra de ordem da sociedade moderna industrial por um longo período foi desenvolvimento a qualquer preço (MARIANO, et al., 2011). Hoje a sociedade busca reverter os danos ambientais que tem como ponto de partida os avanços tecnológicos da primeira revolução industrial. O processo de transformação da natureza externa implica em sua conversão em riqueza material, ou seja, em natureza apta para ser consumida, desfrutada, apropriada pela sociedade (FOLADORI, 2001, p. 109). Os impactos ocasionados na transformação da natureza em moeda de valor de troca colocaram a humanidade na crise ambiental atual. De acordo com CORTEZ (2011), o ser humano primitivo não possuía ferramentas necessárias para que os danos de suas ações fossem significativos sobre a natureza, desta maneira há três pontos marcantes entre o ser humano e natureza: o primeiro o ser humano se adapta à natureza, o segundo o ser humano ataca a natureza provocando danos ambientais, e o terceiro, o ser humano luta em favor da natureza para preservá-la. A dominação do ser humano moderno sobre a natureza colocou a humanidade na crise ambiental enfrentada atualmente.

Em seu sentido lógico, sustentabilidade é a capacidade de se sustentar, de se manter ao longo do tempo. Uma atividade sustentável é aquela que pode ser mantida para sempre, sem apresentar rupturas. Em outras palavras: uma exploração de um recurso natural

exercida de forma sustentável durará para sempre, não se esgotará nunca. Daí a ideia de equilíbrio na relação entre o ser humano e natureza, confrontada com a ideia de exaustão dos recursos naturais vivenciada pela sociedade moderna. Uma sociedade sustentável é aquela que não coloca em risco os elementos do meio ambiente (MIKHAILOVA, 2004, p. 25). A sustentabilidade visa manter a capacidade de resiliência dos ecossistemas, ou seja, a capacidade de manter o equilíbrio após os danos causados pela ação humana.

“... Em termos ecológicos ‘sustentabilidade’ é tudo o que a Terra faz para que um ecossistema não caia e se arruíne. Esta diligência implica que a Terra e os biomas tenham condições não apenas para conservar-se assim como são, mas também que possam prosperar, fortalecer-se e ecoevoluir” (BOFF, 2014, p. 31).

Deste modo mostra-se necessário um equilíbrio sustentável na relação do ser humano que permita não apenas a manutenção dos ecossistemas; mas que proporcione condições de evolução natural ao longo do tempo. A sustentabilidade envolve múltiplos atores – governantes, empresários, trabalhadores, ecologistas, publicitários; sujeitos empenhados em construir num contínuo processo, uma cultura da sobriedade (ZARINATO; ROTONDARO, 2016, p. 87).

Devido a modernidade que ocorreu naturalmente durante os séculos, os seres humanos no mundo desenvolvido colocam a própria existência em risco, exaurindo os recursos naturais existentes na natureza, em busca contínua de melhores tecnologias, maior conforto e melhor qualidade dos bens consumíveis. A sociedade moderna se defronta com o risco, e se diferencia do perigo no sentido de que o primeiro pode ser previsto e calculado como uma condição específica da sociedade moderna (MATOS; SANTOS, 2019, p. 203). O risco que a sociedade moderna sofre hoje não é apenas o risco da perda da biodiversidade do planeta; mas, do próprio colapso da civilização moderna, por colocar em risco o equilíbrio do planeta Terra. O desequilíbrio na relação do ser humano com a natureza ocorre na medida que se retira dela mais do que sua capacidade de regeneração e lança-se sobre ela mais do que a sua capacidade de absorção (FERNANDES; SAMPAIO, 2008). De acordo com BARROS (2013), a natureza não consegue se impor à lógica do desenvolvimento capitalista que converte a natureza em valores de uso e troca, neste contexto qualquer mudança desses fatores ocasionaria um grande colapso no capital, desta maneira a destruição do meio ambiente e depredação dos recursos naturais, se faz necessária para este sistema, mesmo que afete toda a humanidade.

Essa natureza insustentável do modo de produção do ser humano moderno contrasta com o modo de produção tradicional, orientado por uma sabedoria popular que impede a exploração desenfreada, às custas da aniquilação da própria fonte de subsistência: uma natureza degradada não mais será uma natureza dadivosa, onde seja possível colher e prosperar com a abundância de seus frutos.

O planeta Terra encontra-se atualmente com grandes problemas ambientais, entre estes problemas podemos destacar a alteração do clima, a poluição das águas, o desmatamento florestal, extinção de espécies tanto vegetal quanto animal e a grande quantidade de lixo produzido e descartado no meio ambiente. Esses problemas se originam com o aumento da população e as pressões decorrentes deste processo. O fato de a humanidade ocupar cada vez mais espaço no planeta significa que ela tem avançado de forma danosa sobre todas as outras formas de vida ecossistêmicas da Terra, aumentando os riscos globais (MARTINE *et al.*, 2015, p. 447). Desta maneira é necessário que ocorra uma modificação no modo como a civilização moderna atua sobre o meio ambiente, para que este possa ser preservado para as gerações futuras.

E é nesse contexto que encontramos essa relação de uma cultura tradicional inserida em ambientes naturais, cujo modo de vida e produção é inerentemente sustentável; circundada por uma cultura moderna inserida em ambientes altamente antropizados, cujo modo de vida e produção é insustentável. É nesse contexto e nesse território que se observa o desencontro entre as quebradeiras de coco babaçu e as propriedades rurais latifundiárias e monoculturas, pressionando continuamente a manutenção dessa forma tradicional de existir.

2 NATUREZA E CULTURA NO CERRADO

2.1 O BIOMA CERRADO

O Cerrado tem como localização o Planalto Central com sua área de abrangência de dois mil quilômetros quadrados. O Cerrado possui variações em suas características, sendo perceptíveis pelas suas fisionomias, variando desde as matas ciliares, matas de galerias até os palmeirais (BASTOS; FERREIRA, 2010, p. 100). O bioma Cerrado é de grande importância para a manutenção da vida no planeta Terra devido a sua diversidade ecológica e também por ser elo de ligação com os demais biomas existentes. Segundo FERNANDES e PESSOA (2001), as causas mais importantes da perda da biodiversidade no Cerrado ultimamente, têm como ponto central a expansão da agricultura e da pecuária, diante da conversão das áreas naturais do Cerrado para o cultivo de grãos e produção bovina.

O desmatamento do Cerrado para conversão da agricultura causa danos severos ao meio ambiente, os solos antes ricos em matéria orgânica e nutrientes, se tornam empobrecidos, compactados, exauridos, tanto pela compactação animal como pelo plantio de monoculturas. A monocultura é o cultivo de uma única espécie agrícola em determinada área ou região, ocorrendo, com maior intensidade, nas grandes propriedades rurais (ZIMMERMANN, 2011, P. 81).

Modernamente, o Cerrado é considerado como sendo uma savana. Este termo aceita dois conceitos: um de natureza meramente fito fisionômica e outro referente a um grande tipo de ecossistema, com seu tipo particular de vegetação (COUTINHO, 2006, p. 19).

Como podemos observar na figura 1, boa parte do Cerrado, equivalente em grande parte ao Centro-Oeste brasileiro, foi e está sendo desmatado ao longo dos anos, principalmente na parte central.

Figura 1: estimativa da perda do Cerrado brasileiro

Estimativas da perda de área do Cerrado brasileiro

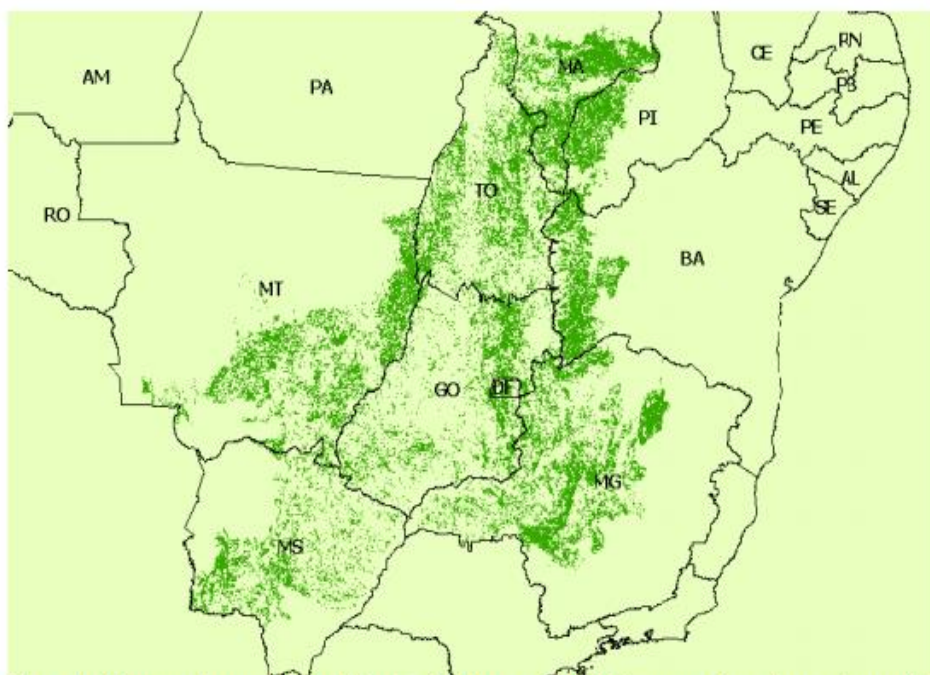


Figura 6. Mapa resultante da classificação das imagens MODIS mostrando as áreas desmatadas na parte central do Cerrado e os principais blocos remanescentes de vegetação nativa.

Fonte: MACHADO e NETO, 2004

Atualmente a humanidade enfrenta grandes problemas ambientais, devido aos avanços da globalização e a exploração predatória dos recursos naturais que são finitos. Um dos agravantes dos problemas ambientais enfrentados hoje é o desmatamento de áreas naturais para a produção de alimentos, transformando estas áreas em monocultura ou pastagem animal. Uma área que tem sido bastante afetada pela intervenção humana é o Cerrado.

2.2 AS FLORESTAS DE BABAÇUAIS

As Florestas de Babaçuais são formações vegetais onde ocorre a predominância da espécie de palmeira *Attalea speciosa*, o Babaçu, com maior concentração nos estados do Piauí e Maranhão, sempre presente em cotas altimétricas abaixo de 100 metros (IBGE, 2012). É também conhecida genericamente como “Mata dos Cocais”, porque muitas vezes o Babaçu está acompanhado de outra palmeira, a Carnaúba.

Considerada uma paisagem característica do Maranhão, situa-se em faixa de transição entre a Floresta Amazônica, o Cerrado e a Caatinga, ocorre geralmente em

planícies aluviais em contato com a forte umidade dos cursos d'água, são remanescentes de florestas originais que foram degradadas ao longo do tempo pelo intenso uso agropecuário nas fazendas ao seu redor (EMBRAPA, 2016). Santos-Filho, Almeida e Soares (2013) reconhecem que a mata dos cocais do Maranhão representa um ecótono artificial, e não natural, em função da interferência humana neste ambiente. É considerada uma vegetação secundária, e quanto mais denso o babaçal, mais intensa foi a degradação ambiental daquele ambiente, isso porque os frutos dessa palmeira germinam mais facilmente após uma queimada, aumentando então a densidade da floresta de babaçal, que passa a dominar a área. Além disso, é uma árvore de rápido crescimento, vencendo a competição por espaço com outros vegetais. Assim, os babaçuais resistiram ao longo do tempo, enquanto que a vegetação mais frágil foi suprimida pela queimada proporcionada pela atividade agropecuária.

Figura 2: Áreas de ocorrência do coco babaçu



FONTE: NACIMENTO (2004) apud MAY P.HERMAN (1990)

2.3 OS POVOS TRADICIONAIS DO CERRADO

Na contramão da globalização e dos avanços tecnológicos, estão os povos e comunidades tradicionais que sobrevivem diretamente do meio ambiente, baseados em uma extração sustentável e não predatória dos recursos naturais disponíveis no território. Os recursos naturais são finitos, mas eles se renovam à medida que são respeitados os limites dos ciclos biológicos de regeneração (BAPTISTA, 2010, p. 13).

Dentro do contexto de “povos tradicionais” há uma diversidade muito grande ocasionada pela cultura e pela forma em que cada comunidade interage com o meio ambiente no seu território. Segundo MOREIRA (2007) os povos tradicionais não são definidos apenas pelo ambiente que ocupam, mas pela relação de proximidade com a natureza, não apenas pela subsistência, mas, por agregar outros valores à natureza, culturais ou espirituais. Desta maneira a natureza não é apenas o meio de obter o sustento dos povos tradicionais, mas, algo muito maior, capaz de definir a identidade desses povos, através dos conhecimentos e saberes adquiridos ao longo de gerações.

De acordo com DIEGUES (2000) os conhecimentos tradicionais podem ser caracterizados com o que se sabe e se faz a respeito do mundo natural ou sobrenaturalmente, esses conhecimentos e ensinamentos são passados oralmente ao longo do tempo de geração em geração. Inseridos nesse contexto da diversidade dos povos tradicionais estão os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pantaneiros, pescadores artesanais, vazanteiros, caiçaras, seringueiros e as quebradeiras de coco. Segundo LITTLE (2004) esses povos tradicionais, são reconhecidos pelos produtos que extraem e vendem no mercado. Segundo GRZEBIELUKA (2012), os povos tradicionais têm um modo próprio de viver e estabelecem relações diretas com o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de forma que estes estejam garantidos para as gerações futuras, não visam o lucro, mas sua reprodução cultural, social religiosa; e para tanto, utilizam de aprendizados tradicionalmente passados de geração em geração. Nesse contexto, surge a necessidade de preservação da natureza e do ambiente em que estes povos estão inseridos, principalmente porque é da natureza que provêm a fonte de subsistência desses povos.

2.4 AGRO EXTRATIVISMO NAS FLORESTAS DE BABAÇU

A principal causa da escassez ou exaustão dos recursos naturais é a retirada predatória, ou seja, suprimir ou retirar num ritmo mais acelerado do que a capacidade de recuperação. O extrativismo é uma atividade baseada na extração e coleta de produtos diretamente do meio ambiente em que estão inseridos. Importante lembrar que a atividade extrativista pode ser tanto sustentável quanto predatória: o extrativismo sustentável ocorre quando a capacidade de produção e continuação da extração de um determinado bem natural não é exaurida. Já o extrativismo predatório dizima a matriz na qual se origina o bem natural causando a sua exaustão. Contrapondo-se a retirada predatória dos recursos naturais, estão as quebradeiras de coco babaçu.

A cadeia produtiva do Babaçu é uma das mais representativas do extrativismo vegetal no Brasil, em razão da área de abrangência da palmeira Babaçu (13 a 18 milhões de hectares em 279 municípios, situados em onze Estados), bem como das inúmeras potencialidades e atividades econômicas que podem ser desenvolvidas a partir dela, de sua importância para famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência associada à sua exploração, e da forte mobilização social e política em favor do acesso livre aos babaçuais (Sales *et al.*, 2019, p. 2).

Para se contrapor à pressão do agronegócio no Maranhão e fomentar o desenvolvimento regional com respeito à cultura e vocação tradicional regional, baseado no extrativismo do babaçu, foi idealizada a Lei Babaçu Livre. Depois da Primeira Guerra Mundial, a amêndoa e o óleo de babaçu eram cobiçados produtos de exportação, por causa de suas propriedades benéficas na limpeza, cosmética e energia. Era uma riqueza natural extrativa digna de atenção, embora sempre secundária em relação às atividades produtivas predominantes nas fazendas, como a pecuária e o cultivo especialmente do arroz e algodão (JUNIOR, DMITRUK, MOURA, 2014).

Todavia, a catação do babaçu era realizada por famílias agricultoras que recebiam permissão para o trabalho em suas terras, em troca de algum benefício, enquanto o catador se via expropriado tanto pelo latifundiário como pelo comerciante intermediário, mantendo-o sempre na pobreza. É no início dos anos 70, com a Lei Sarney, sancionada em 1969, que os babaçuais balançam e tombam em decorrência do incentivo à pecuária no Maranhão. Milhares de hectares de florestas de babaçu foram suprimidos diante dessa frente de expansão da pecuária. A Lei Sarney contribuiu muito para o avanço da pecuária no Maranhão, porque essa lei acabou estimulando a grilagem de terras devolutas originalmente ocupadas por famílias camponesas, aumentando o conflito entre as famílias e a súbita restrição do acesso aos babaçuais pelos fazendeiros que foram beneficiados por essa lei (REGO e ANDRADE, 2006).

Até que em 1979 o governo do Maranhão cria o Instituto Estadual do Babaçu, para se fazer estudos para aprimorar o aproveitamento integral do coco. E foi nesse ano que se testemunhou o apogeu do extrativismo do babaçu, quando se comercializou 250 mil toneladas de amêndoas. Mas a década de 80 amargou uma queda de mais da metade, com apenas 100 mil toneladas comercializadas (JUNIOR, DMITRUK, MOURA, 2014).

Foi a partir do desinteresse pelo babaçu nos anos 80 que as florestas dessa palmeira se tornaram ameaçadas, juntamente das famílias das catadoras de babaçu, que se viram impedidas de acessar os babaçuais pelos proprietários das terras. E não tardou a reação; foi na década seguinte que se inicia o processo de organização do movimento social das

quebradeiras de coco. O primeiro movimento foi de buscar maior controle na cadeia produtiva, suprimindo o comerciante intermediário, o atravessador. Assim surgiram as associações produtivas e cooperativas extrativas do babaçu, tudo gerido pelas famílias camponesas. E é nesse contexto que surgiu o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), em 1991. Em 1997, Largo do Junco foi o primeiro município maranhense que passou a contar com uma lei do babaçu livre, até que em 2011 o governo estadual do Maranhão instituiu o Dia Estadual das Quebradeiras de Coco Babaçu no Maranhão, comemorado no dia 24 de setembro (JUNIOR, DMITRUK, MOURA, 2014).

E da situação conflituosa despontou a organização social da agricultura camponesa, que entre outras formas organizativas, criou as “cantinas”, que são espaços onde se comercializa a amêndoa do babaçu e demais gêneros alimentícios, diretamente nos povoados e sob administração das próprias famílias, restringindo o atravessador da cadeia de comercialização dos produtos do babaçu, o que resulta num preço um pouco mais justo para as catadoras. Essas cantinas são importantes também por ajudar o florescimento da economia local, já que são os próprios produtores locais que comercializam seus produtos. E foi em função desse poder associativo que contribuiu com o beneficiamento dos produtos do babaçu, que o óleo foi comercializado internacionalmente, para a empresa de cosméticos “Body Shop” (REGO e ANDRADE, 2006).

Rizzo (2005) afirma que a Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (ASSEMA) é uma organização não governamental que visa fortalecer as trabalhadoras rurais em geral e as quebradeiras de coco babaçu em particular, que sobrevivem da agricultura familiar e do Agro Extrativismo, incidindo sobre a criação de políticas públicas para melhores condições de vida dessas comunidades e de modo orientado pelo desenvolvimento regional sustentável, estimulando a lavoura orgânica, o beneficiamento do recurso natural e a diversificação produtiva. Criou a marca “Babaçu Livre”, que comercializa a amêndoa, o óleo vegetal, a farinha do mesocarpo, carvão cocal, sabonete de óleo de babaçu, arroz, milho, feijão, frutas desidratadas e compota de manga. A ASSEMA também se tornou um instrumento de empoderamento político feminino, valorizando não apenas o trabalho da mulher no sustento familiar, mas também nas decisões que afetam seus destinos nos povoados onde vivem.

3 ECOFEMINISMO NO TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

A natureza e a mulher se assemelham na visão ecofeminista, a mulher é vista como um ser fecundo provedor da vida. Assim como a mulher, a natureza precisa ser libertada da exploração que vêm sofrendo ao longo dos séculos (FLORES; TREVISAN, 2015).

De acordo com Barbosa (2008), a força de trabalho que se ocupa do babaçu é 90% representado por mulheres. Para cada dez trabalhadores, nove são mulheres. É por isso que a identidade laboral das quebradeiras de coco é feminina. Há um entrelaçamento imbricando gênero e meio ambiente de forma indissociável nesta forma de existir.

Aos poucos, ao longo do tempo, com o surgimento das formas de organização social das quebradeiras de coco, essas mulheres foram sendo identificadas como instituições de luta e resistência contra o avanço do grande capital predatório no campo, especialmente sobre os babaçuais. A bandeira de luta em defesa dessas florestas como fonte de sustento familiar orientado pelo agro extrativismo do coco babaçu finalmente forjou a identidade de “quebradeiras de coco”. Mas também fica demarcado nessa identidade, um movimento sociopolítico que demanda acesso à terra, o direito ao acesso de um bem comum/recurso natural, questionando assim os limites da propriedade privada, o particular que literalmente priva o público (REGO e ANDRADE, 2006).

Schwartz (2017) afirma que as quebradeiras de coco são geralmente descendentes de indígenas, e que a marca cultural dessas comunidades rurais é o trabalho feminino que têm agregado a preservação ambiental e a atuação política.

Um exemplo de protagonismo feminino na preservação dos babaçuais foi a atuação de Raimunda Gomes da Silva, conhecida como Raimunda a quebradeira de coco, fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. Segundo o documentário “Raimunda a quebradeira de coco”, sua luta em favor da proteção dos babaçuais nasce de um questionamento próprio, porque ela trabalhava e não tinha tempo para nada nem para si própria, e não conseguia ter uma vida com dignidade. Raimunda recorreu à Igreja e a fé de forma política já que a Igreja era o único meio que ela tinha para conversar com as demais quebradeiras na luta pela preservação do babaçual, e assim ocorreram as reuniões políticas e o engajamento de outras quebradeiras em busca de reconhecimento e garantia do meio de sustento proveniente do babaçu.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu são mulheres comuns como quaisquer outras: são mães, donas de casa, esposas, filhas e trabalhadoras. A única diferença está nas relações estabelecidas com meio ambiente do qual provém a sobrevivência dessas mulheres.

O extrativismo do babaçu é uma atividade que exige muito da resistência física das quebradeiras de babaçu. Para a coleta do babaçu é necessário adentrar mata a dentro percorrendo longas distancias até chegar as palmeiras de babaçu, e ainda tem que coletar os frutos caídos no chão de palmeira em palmeira até obter a quantidade que cada uma consegue carregar. Tendo vista que se trata de um fruto grande e volumoso, para o transporte é utilizado um cesto confeccionado com a própria palha do babaçu. Após o cesto cheio, as mulheres utilizam a própria cabeça para apoiar o peso do cesto e assim conseguirem transportar o coco. Os cestos confeccionados com a palha do babaçu têm a capacidade de comportar aproximadamente dez kg de amêndoas, isso se o babaçu for quebrado no babaçal, ao ser quebrado em casa os frutos são levados inteiros e para o transporte se faz necessário a ajuda da tração animal, e na maioria das vezes os filhos das quebradeiras ajudam no transporte do fruto (CARRAZZA, et al., 2012).

Figura 3: tamanho e composição média do fruto do babaçu em porcentagem do fruto total



Fonte: (CARRAZZA, et al., 2012, p.15) APUD FERREIRA (2015)

Podemos perceber na Figura 3 as partes que compõem o coco babaçu e as suas respectivas porcentagens sobre o fruto total, destacando que é da amêndoa que se extrai o óleo, e da casca que se produz o carvão. Porém como podemos perceber tudo se aproveita do coco babaçu, cada uma das partes do fruto pode ser aproveitada para uma finalidade específica, desde a utilização para móveis até para a alimentação humana.

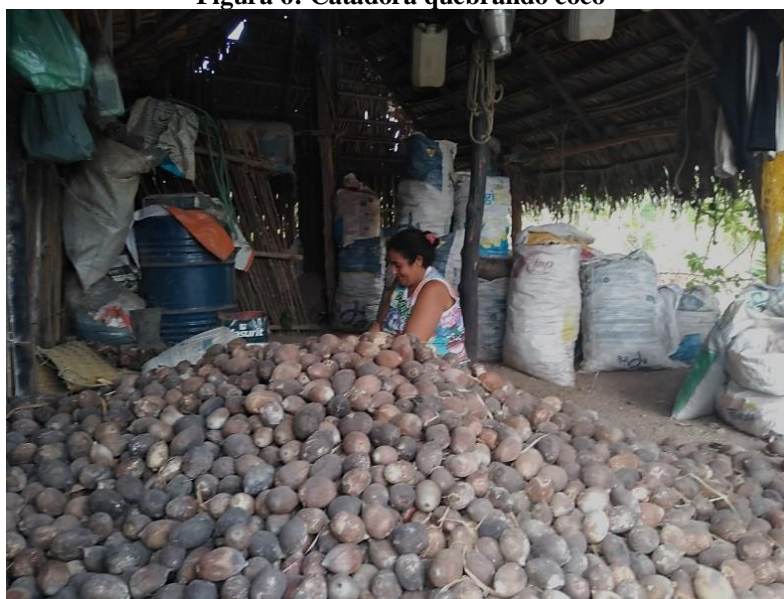
Podemos observar na Figura 4 as palmeiras de coco babaçu, fonte não só de sustento, mas também de todos os outros itens de necessidades básicas inerentes ao ser humano, como abrigo, alimento, roupa, calçados, remédios, porque é através do fruto proveniente da palmeira que o coco babaçu possibilita às quebradeiras adquirirem todos esses itens. Os cocos caídos no chão ao lado da palmeira, é desta maneira que os frutos são coletados, no chão, sem a necessidade do corte ou derrubada da palmeira.

Figura 4: Palmeiras de coco babaçu



Fonte: sutentabilidade.com

Podemos observar nas Figuras 5 e 6 o local onde as mulheres quebram o coco, se trata de um abrigo para o coco babaçu, nota-se também que neste local fica armazenado tanto o coco como as ferramentas de trabalho, como os cestos de palha usados para transportar o coco. O machado utilizado para quebrar o coco e um pedaço de madeira usado para bater no coco, para que assim ele possa ser quebrado com facilidade. Observamos também que o local é confeccionado com a própria palha do coco babaçu. Na figura 6, a grande quantidade de cocos à espera de serem quebrados para a retirada da amêndoa.

Figura 5: Catadora quebrando coco*Foto: Joana de Oliveira Alves***Figura 6: Catadora quebrando coco***Foto: Joana de Oliveira Alves*

Para quebrar o coco babaçu, é utilizado pelas quebradeiras um machado e um pedaço de madeira que pode ter vários nomes populares, mas abordaremos aqui o nome “macete”. O primeiro passo é sentar no chão e apoiar o machado com o pé ou com a perna, apoiar o coco sobre a lamina do machado e então bater no coco com o macete para que o coco se parta. A segunda fase é observar as amêndoas do coco e daí em diante quebra-se o coco em vários pedaços menores até que todas as amêndoas sejam retiradas. Percebe que a atividade é exercida em locais improvisados, sem segurança contra a chuva e insetos. Não é uma jornada de trabalho com horário fixo, cada uma quebra enquanto

tiver disposição física durante o dia; percebemos também a grande quantidade de coco a ser quebrada, o que requer das quebradeiras tempo, disposição e energia. Apesar de haver propostas e até mesmo um protótipo de uma máquina capaz de tornar a cadeia extrativista mecanizada, como podemos observar na figura 7, o projeto de uma colheitadeira de babaçu que facilitaria a coleta do babaçu em áreas de mata fechada possibilitando o transporte de um grande volume do fruto até uma área apropriada para o beneficiamento do babaçu.

Figura 7: projeto de uma máquina para a colheita mecanizada do babaçu

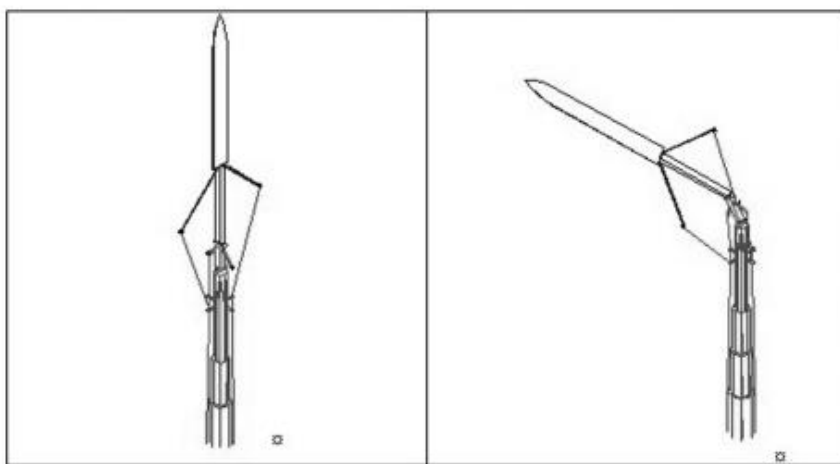


Figura 6 - Detalhe do sistema de corte articulado da colhedora de babaçu: (a) posição de descanso; (b) em operação

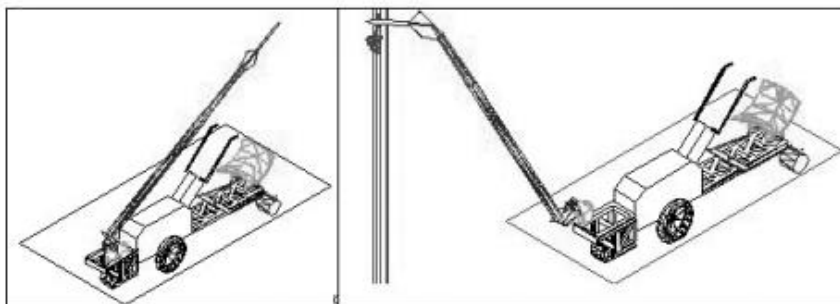


Figura 7 - (a) Haste colhedora em posição de transporte; (b) Colhedora em ação.

Fonte: (ALBIERO et al., 2007, p. 345)

Essa máquina seria uma facilitadora no extrativismo do babaçu, porém o extrativismo manual do babaçu sem o uso de máquinas, assim como a utilização do machado para quebrar o coco estão ligados ao simbolismo cultural muito forte na cultura das quebradeiras.

Segundo SILVA e FERNANDES (2013) a quebra manual do babaçu com a utilização do machado se torna uma certa terapia para as quebradeiras de coco já que se reúnem em grupo, contam suas histórias umas às outras e catam, e o uso da máquina de acordo com alguns integrantes do MIQCB, seria de certa maneira uma descaracterização das quebradeiras de coco, tendo em vista que as quebradeiras exercem sua atividade manualmente durante gerações.

4 ECOLOGISMO POPULAR NA DEFESA DOS BABAÇUAIS

Alier (2007) define três correntes de pensamento dentro do movimento ambiental: o “culto à vida silvestre”, o “evangelho da ecoeficiência” e o “ecologismo dos pobres”, mais tarde rebatizado como “ecologismo popular”. A primeira corrente parte da preocupação altruísta da burguesia urbana para com a natureza selvagem, advogando pela preservação de amostras protegidas em reservas naturais contra qualquer agressão ou presença humana. O evangelho da ecoeficiência parte da preocupação do mercado capitalista com a manutenção da base dos recursos naturais para o suprimento sustentável do industrialismo e foca nos efeitos colaterais negativos do desenvolvimento. Nessa concepção utilitarista, predomina a conservação da natureza, mas desconsidera que nesta natureza possa existir comunidades humanas que vivem culturas tradicionais. É então que a terceira corrente, o ecologismo popular, se estrutura: a partir da noção de sobrevivência e manutenção da autonomia desses povos tradicionais, que vivem em naturezas dadas e intactas, e à margem do desenvolvimento industrial. O ecologismo popular surge como uma corrente do ambientalismo que se caracteriza pelo “socioambientalismo”, pois não dissocia o ser humano da natureza, e articula a defesa ambiental à defesa do seu modo de vida tradicional.

A prática agro extrativa do babaçu, em si, é realizada de forma sustentável, pelo fato de ser um produto extrativo baseado na coleta dos frutos e das folhas secas das palmeiras, o que não implica em esgotamento do recurso; sem requerer a derrubada das palmeiras, preservando-se a fonte do recurso natural. Soma-se a essa característica, a defesa das florestas, onde as quebradeiras representam um papel social de guardiãs desse território contra o desmatamento, o avanço da agropecuária e contra a contaminação por agrotóxicos.

A preservação do babaçu se enquadra na teoria do desenvolvimento sustentável, de acordo com BARBOSA (2008), o termo desenvolvimento sustentável tem origem nos estudos da Organização das Nações Unidas na Comissão Mundial para o Meio Ambiente, também conhecida como Comissão Brundtland em resposta à crise socioambiental do século XX. Porém há um impasse para que uma atividade seja considerada sustentável: ela deve se adequar aos três pilares presentes no desenvolvimento sustentável, o econômico, o social, e o ambiental. O pilar econômico está voltado na lógica da garantia

dos recursos naturais para explorações futuras visando mitigar os danos causados pelo próprio sistema capitalista, o pilar social tem o seu foco na equidade social com o foco na superação da pobreza, enquanto o ambiental se preocupa com os danos causados no meio ambiente devido ao desenvolvimento capitalista.

“O conceito de desenvolvimento sustentável tem, é claro, limites – não limites absolutos, mas limitações impostas pelo estágio atual da tecnologia e da organização social, no tocante aos recursos ambientais, e pela capacidade da biosfera de absorver os efeitos da atividade humana. Mas tanto a tecnologia quanto a organização social podem ser geridas e aprimoradas a fim de proporcionar uma nova era de crescimento econômico (LAYRARGUES, 1997, p. 4).

A atividade extrativista do coco babaçu se adequa no pilar ambiental do desenvolvimento sustentável tendo em vista que esta atividade econômica não impacta o meio ambiente, porém demonstra sua fragilidade frente aos pilares do desenvolvimento social e econômico, por se tratar de uma atividade extrativista com carga exaustiva para as quebradeiras, que se inicia durante o dia e encerra durante o período da noite, ocorrendo em um ciclo contínuo dia após dia na luta diária da sobrevivência, em condições duras de trabalho, enfrentando as adversidades da natureza como a chuva e o sol e principalmente tendo que enfrentar o próprio condicionamento físico já que o extrativismo do babaçu trata-se de uma atividade manual. No pilar econômico a fragilidade é grande pelo fato de o extrativismo do babaçu ser uma atividade que não recebe a valorização devida, o que está implícito no preço pago pelo quilo da amêndoa, que pode variar de estado para Estado, mas o preço pago pelo quilo não chega a três reais. Inviabilizando a superação da pobreza e equidade social.

Dois eixos estruturantes ocuparam o centro das atenções da luta política do ecologismo popular demarcado pelas organizações sociais representantes das quebradeiras e coco babaçu, mobilizando-se contra a apropriação privada: o livre acesso aos babaçuais e a criação de Reservas Extrativistas, onde a primeira é uma luta genuinamente originada da realidade das quebradeiras, e a segunda, é um legado da trajetória de Chico Mendes e os seringueiros na Amazônia (SHIRAISHI NETO, 2017).

Entra no saldo do ecologismo popular, orientado pela proteção ambiental, até mesmo a qualificação do território de ocorrência de uma mancha de babaçual, sob tutela jurídica, a criação de unidades de conservação de uso direto como as Reservas Extrativistas. No caso, Schwartz (2017) afirma que no contexto da luta popular desse ecologismo protagonizado pelas quebradeiras de coco babaçu, foi criada a Reserva

Extrativista de Enseada da Mata, no Médio Mearim maranhense. É importante sublinhar o alcance desse ativismo ambiental, porque ele não se restringe a práticas de produção e beneficiamento sustentável do produto extrativo, ou de combate contra a destruição dos babaçuais; sua ambição é mais estruturante ao propor um regime diferenciado de desenvolvimento regional sustentável para o território dos babaçuais.

A música está presente no cotidiano do trabalho das quebradeiras de coco babaçu, assim como em muitas manifestações culturais tradicionais, que articulam a dimensão do trabalho coletivo com cantorias musicais. As cantigas são entoadas na coleta do fruto e na quebra da castanha. Nela, expressa-se muitas lógicas cotidianas desse meio de vida, reproduzindo-o por meio das canções. E nesse contexto, há espaço também para a contestação por meio de uma arte musical engajada na defesa do meio ambiente, como mais um traço a destacar no contexto do ecologismo popular existente no universo das quebradeiras de coco babaçu. O canto se configura como uma forma de manifestação do protesto ecologista e de resistência cultural que acabou conquistando palcos de espetáculos musicais.

Destaque às “Encantadeiras”, um grupo de mulheres criado com o apoio do MIQCB e da ASSEMA, que objetiva expressar o valor do trabalho feminino na agricultura e no agro extrativismo, na luta pelo acesso ao território e pela defesa dos babaçuais (SILVA, NAPOLITANO e BASTOS, 2016). O “Xote das Quebradeiras de Coco” não deixa dúvidas quanto ao teor ecologista enaltecendo as qualidades do babaçu e criticando a destruição dos babaçuais:

XOTE DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Hei! Não derrube esta palmeira

Hei! Não devore os palmeirais

Tu já sabes que não podes derrubar

Precisamos preservar as riquezas naturais.

O coco é para nós grande riqueza

É obra da natureza

Ninguém vai dizer que não

Porque da palha só faz casa pra morar.

Já é meio de ajudar a maior população
Se faz o óleo para temperar comida
É um dos meios de vida
Pra os fracos de condição
Reconhecemos o valor que o coco tem
A casca serve também para fazer o carvão.

Com o óleo do coco as mulheres caprichosas
fazem comidas gostosas
de uma boa estimacão
Merece tanto seu valor classificado
que com o óleo apurado se faz o melhor sabão.

Palha de coco serve pra fazer chapéu
da madeira faz papel
inda aduba nosso chão
Tela de coco também é aproveitado
Faz quibano o cercado pra poder plantar feijão.

A massa serve para engordar os porcos
Tá pouco o valor do coco
precisa darem atenção
Para os pobres este coco é meio de vida
Pisa o coco Margarida e bota o leite no capão.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Maranhão concentra uma grande porção do território dos babaçuais no Brasil. Sozinho, o Maranhão abarca pouco mais da metade de toda a produção nacional de babaçu, respondendo por 53% da produção do país inteiro. Foi no Maranhão que se forjou a luta e identidade das quebradeiras de coco babaçu, ao longo de todo o processo de existência e resistência de camponeses para assegurar suas condições de vida.

O estudo de caso foi realizado no Povoado Mangueira, pertencente ao município de Vitorino Freire, interior do Maranhão.

Figura 8: Município de Vitorino Freire



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, Wikipedia

O Povoado Mangueira fica localizado no município de Vitorino Freire, distante de 335 quilômetros da capital do Maranhão, São Luís; na microrregião de Pindaré, ao lado da microrregião do Médio Mearim, onde está o epicentro dos babaçuais. Trata-se de um povoado rural afastado do centro do município, onde as vias não são asfaltadas, as estradas são arenosas. O povoado tem poucas casas e conta apenas com uma mercearia onde se compra os cocos. Todas as casas são feitas de taipa: as casas de taipa são feitas com barro e galhos e cobertas com palhas do babaçu, trata-se de uma moradia ecológica, sem

gerar entulhos advindos da construção civil. Algumas das casas do povoado são cobertas com telha (Figura 9), outras são cobertas com a própria palha do babaçu. As casas são identificadas pelos nomes dos moradores e não pelo endereço residencial. No povoado Mangueira todos se conhecem, todos sabem das dificuldades uns dos outros, auxiliam uns aos outros e vivem em comunidade. O único avanço tecnológico é o acesso à energia elétrica, o povoado não tem sinal telefônico, ou acesso à Internet.

Figura 9: Casa pertencente ao Povoado Mangueira



Foto: Joana de Oliveira Alves.

Como podemos perceber na figura 9, há mudanças perceptíveis no Povoado Mangueira, a palha do babaçu já não está sendo utilizada com predominância para cobrir as casas dos moradores, isso ocorre devido ao desenvolvimento urbano que traz novas modernidades e tecnologias, mas também vai descaracterizando as comunidades tradicionais até que estas não se reconheçam mais e como se houvesse uma perda da identidade.

O que predomina no Povoado Mangueira como atividade econômica é o extrativismo do coco babaçu, com foco principal na comercialização da amêndoa e do óleo do babaçu e o carvão feito da casca para utilização própria.

5.2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A escolha do procedimento metodológico se deu a partir da escolha do tema do trabalho. Para entender sobre esse contexto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em livros e *sites* de buscas que dispõem de materiais científicos como Scielo, CAPES e Google Acadêmico, usando as palavras chaves (Cerrado, sustentabilidade, quebradeiras de coco babaçu, ecofeminismo, extrativismo sustentável). A metodologia aplicada neste trabalho é uma metodologia de cunho empírico-qualitativa. De acordo com Duarte (2004) a pesquisa do tipo qualitativa exige a realização de entrevistas quase sempre longas e semiestruturadas. No caso da pesquisa qualitativa, a definição dos critérios pelo quais serão selecionados os entrevistados são primordiais para compreender o universo o qual se pretende investigar, impactando diretamente na qualidade das informações que serão analisadas para uma melhor compreensão do problema.

Partindo desta compreensão, os critérios que levaram a escolher os sujeitos e o universo do estudo, foi baseado nas lutas das quebradeiras de coco do estado do Maranhão por livre acesso às palmeiras de babaçu, e as articulações políticas que fizeram em defesa dos babaçuais, buscando entender um pouco mais do universo das quebradeiras de coco espalhadas pelo estado do Maranhão.

Os sujeitos escolhidos são as quebradeiras do povoado Mangueira, trata-se de três quebradeiras de coco pertencentes a zona rural do município de Vitorino Freire. A escolha se deu porque elas têm acesso as palmeiras de babaçu mesmo que estejam em terras pertencentes a outros proprietários, buscando também compreender de que maneira elas atuam para proteger os babaçuais, compreender também se o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) abrange todas as quebradeiras de coco babaçu por ser um movimento forte representativo em defesa dos direitos sociais das quebradeiras de coco babaçu.

A distância (1.614,2 km) entre o estado do Maranhão e o Distrito Federal, com os custos envolvidos no deslocamento, foi um impedimento para que a própria autora do projeto aplicasse as entrevistas. Dessa forma, as entrevistas, que obedeceram a um roteiro prévio com 20 questões (Apêndice 1), foram realizadas em 20 de setembro de 2019 por uma antiga quebradeira de coco que não exerce mais a atividade, e também é aluna do curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina.

A responsável por fazer as entrevistas foi na casa de cada uma das três quebradeiras e entrevistou uma por vez, com o roteiro em mãos fazia as perguntas para as quebradeiras e conforme elas iam respondendo, a responsável pelas entrevistas anotava as falas. Não houve dificuldades para fazer as entrevistas, e as entrevistadas gostaram da experiência. Foram informadas que era um trabalho de conclusão de curso da Universidade de Brasília, e concordaram em tirar fotos e autorizaram o uso das imagens e das entrevistas no TCC. A própria responsável sendo identificada na análises dos dados como entrevistada por coletar a entrevista também foi entrevistada.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo de analisar os dados e verificar similaridades ou as divergências nas respostas das entrevistadas, foi gerada uma tabela obedecendo o roteiro inicial da entrevista aplicada (Apêndice 1). A escolha da tabela se deu pelo fato de poder comparar as respostas das entrevistadas, lado a lado. A partir da tabela e das fotografias que se tratam de uma linguagem não verbal mas que são fontes de interpretação, foi possível fazer a interpretação dos dados. A análise da narrativa, toma essas histórias como expressão de uma realidade vivida pelo narrador em momento precedente à narração. A narrativa é igualada à própria vida (MOUTINHO; DE CONTI, 2016, p. 2).

QUESTÃO	A	B	C	D
IDADE		37	37	52
Desde quando você quebra coco? E como você começou a quebrar coco?	A partir dos 15 anos precisão, necessidade	Desde os 10 anos de idade. Não tinha condições e não tinha outra coisa para fazer	Desde os 8 anos de idade, tirava banda	Desde criança. Minha mãe quebrava coco e ajudava
O fato de você ser mulher influenciou nessa escolha? Porque?	Não influenciou porque não tinha como fazer outra coisa, não tinha opção	Sim, influenciou porque não tinha estudo , não tinha uma maneira de conseguir trabalho	Não influenciou sendo homem ou mulher ia tendo que ser, só tinha o coco	Não influenciou, mas a necessidade
Você considera a quebra de coco como uma profissão? Um trabalho realizado que sustenta a renda familiar?	Sim, considero uma profissão, porém bem difícil de ser exercida, é sustento da família é um complemento	Sim, considero uma profissão, não é uma ajuda, o coco é muito desvalorizado	Sim, porque é a coisa que temos. Eu não tenho estudo , ou outra coisa que possa fazer. Não tenho renda, é disso que tenho o meu sustento	Sim. Quebrando o coco se sustenta toda a família
Como é para você viver e criar os filhos através do coco babaçu?	Sinto bem, porque senão a renda da casa seria pior, não tem outra renda, não tenho nada comprado com o coco babaçu, serve para sustento	É muita luta, tem que juntar o coco, quebrar, fazer carvão com a casca de coco para o próprio consumo, quando dá vende é para ajudar nas despesas porque só o coco é pouco		Eu fui quebradeira de coco, vivia com dignidade

Os homens da sua família veem sua atividade de quebradeira de coco como uma ajuda para aumentar a renda ou como um trabalho importante para o sustento familiar?	Um trabalho importante para o sustento da família	É importante porque pago o curso do filho com a renda vinda do coco	Importante como o sustento, não tem outra renda	Como algo importante para o sustentado da família
Qual a importância do coco babaçu na sua vida?	É o óleo, a casca, tudo tem o seu valor, é muito importante	Receber uma quantia por ano da associação, quanto mais coco quebrar, e passo para a associação e recebo pelo quebrado	É importante e tudo o que tenho é do coco, comida etc.	Muito importante, porque sem o coco babaçu não tinha como viver
Você se considera uma “quebradeira de coco”, isso define a tua identidade? Porque?	Sim trabalhar, é quebradeira de coco	A identidade é como lavrador, porque facilita para aposentadoria	Sim. Eu, me considero uma quebradeira de coco	Me define como pessoa que é obrigada a tirar do coco babaçu o sustento
Ser quebradeira de coco babaçu te deixa orgulhosa? Porque?	Sim, é disso que vivemos, é um bem que vem da natureza e dado de graça	Não tenho orgulho, quebro coco por causa da necessidade	Sim, deixa, porque eu tenho o que fazer todos os dias	Não sei se é orgulho, mas que foi isso que definiu minha identidade como pessoa, por isso tenho orgulho do ser humano que sou
Você tem livre acesso as palmeiras de babaçu? Caso negativo, porque?	Tem, o fazendeiro nos deu o coco sem receber nada em troca, só para crescer o <u>pitombal</u>	Tem um proprietário do terreno que fornece para a associação, parceria com sindicato de Vitorino Freire	Tenho, porque nós pegamos o coco livremente, o fazendeiro não impede que pegue o coco	Sim, de alguns fazendeiros, nem todos eles deixa ter livre acesso as palmeiras em suas fazendas
Você conhece a lei do babaçu livre?	Não	Não	Não	Não
Você participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu ou de outra organização representante das quebradeiras de coco? Qual? Porque?	Não, não participo do movimento, participo da associação PM BIL: sindicato dos trabalhadores rurais Vitorino Freire, a associação recebe do governo, vamos quebrando e entregando para o comerciante responsável por pegar, comprar o coco	Não participo. Outra organização, a associação Programa PM BIL	Não	Nunca fiz parte de nenhum movimento de quebradeira de coco
Você conhece ou faz parte de alguma cooperativa de	Não respondeu	Participa da associação	Não	Conhecia cooperativa mas nunca fiz parte

quebradeiras de coco?				
Qual a relação dos/as jovens de hoje com a tradição de quebrar o coco babaçu?	Não participa, não gosta de quebrar, só estudam, não tem ajuda de custo do governo	Não gostam, vê como uma profissão	Não vejo estes jovens quebrando coco, nova geração não quer participar, tem outra coisa que possa fazer, espero ter um futuro melhor, trabalhar numa formação de balconista	Os jovens são resistentes, não gostam, não veem futuro digno como quebradeiras de coco
Por ser quebradeira de coco, você se reconhece também como ecologista? Porque?	Sim, não mata os animais nem as árvores	Sim, defende os animais	Sim, defende predação	Porque preservo a natureza, não desmato, não matamos os animais silvestres nem os domésticos
Para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família?	Sim, porque dela vem o meu sustento	Sim, porque os fazendeiros não dão proteção	Sim, porque vivemos do coco, se nós não tivermos ele, não tem como se sustentar	Sim. Sem coco não temos sustento, sem a natureza não vivemos
Você faz alguma coisa para manter a palmeira do coco babaçu viva, algum manejo florestal para preservar o babaçual; ou só coleta os frutos da árvore?	Não faço manejo florestal	Só livro do fogo, não derrubo, nessa região aqui tem um fazendeiro, mas preserva a palmeira e permite a retirada do coco	Só coleta, pegamos dentro do solo alheio	Defendo a derrubada das palmeiras. Não há necessidade de fazer manejo
Como é a relação do IBAMA ou ICMBio (e do órgão ambiental estadual) com a preservação dos babaçuais?	Existe apenas denuncia, mas ninguém faz nada, não tem fiscalização dos órgãos IBAMA ICMBio	Não tem nenhuma relação com o IBAMA ou ICMBio	Não, não fiscaliza	
Você já participou de alguma manifestação em favor dos babaçuais? Como foi?	Não, porque não existe na região	Não, aqui não tem	Não	Nunca participei manifestação a favor do babaçu
Qual o sentimento que você tem quando vê um babaçu derrubado?	Sente tristeza, mas não pode fazer nada, está dentro da propriedade, eles	É triste, sente tristeza	Tristeza, sente importante o coco	Tristeza, desespero, medo de ficar sem o sustento, angustia pela

	decidem o que querem fazer			falta de amor para a natureza
Qual é a maior dificuldade que você enfrenta como quebradeira de coco?	O valor baixo do quilo do coco	<u>Ajuntar</u> debaixo das palmeiras, o inverno por causa da água e os mosquitos	Muita dificuldade por causa da chuva e do local onde está localizada as palmeiras	Ir buscar na solta, juntar debaixo das palmeiras, trazer para casa, quebrar debaixo de uma árvore na própria solta
O que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco?	Melhorar o preço do coco que é muito desvalorizado, tem muita gente que quebra o coco só para fazer o carvão superior o quilo do coco, o carvão chega a 25 reais	O aumento no preço do quilo e fiscalização	Aumentar o preço, porque o preço passou de R\$ 1,60 para R\$ 1,10	Ser dono do babaçal

Inicialmente indagadas desde quando começaram a quebrar coco, as três respondentes afirmaram que desde muito cedo, ainda na infância, e por absoluta necessidade de sobrevivência. Se por um lado este é um traço identitário de uma cultura tradicional, onde crianças e jovens interagem desde cedo com a atividade produtiva, por outro lado, iniciar a atividade precocemente aos 8, 10 e 15 anos de idade, compromete não apenas a infância saudável, mas também a própria educação:

“A partir dos 15 anos; precisão, necessidade” (Entrevistada A)

“Desde os 10 anos de idade. Não tinha condições e não tinha outra coisa para fazer”
(Entrevistada B)

“Desde criança. Minha mãe quebrava coco e ajudava (Entrevistada D)

Todas entrevistadas consideram a quebra de coco como uma profissão, e ambas afirmam que este trabalho na verdade é a única opção disponível para o sustento familiar, especialmente para quem não tem estudos, selando o destino de quebradeira de coco como a única alternativa:

“Não tinha estudo, não tinha uma maneira de conseguir trabalho” (Entrevistada B)

“Sim [considero uma profissão], porque é a coisa que temos. Eu não tenho estudo, ou outra coisa que possa fazer. Não tenho renda, é disso que tenho o meu sustento”
(Entrevistada C)

“Sim. Quebrando coco se sustenta toda a família (Entrevistada D)

As entrevistadas consideram que a identidade “Quebradeira de Coco” as define, embora uma delas tenha ressaltado que a identidade de “lavrador” seja mais adequada, em função dos benefícios legais como a aposentadoria:

“A identidade é como lavrador, porque facilita para aposentadoria” (Entrevistada B)

“Me define como pessoa que é obrigada a tirar do coco babaçu o sustento (Entrevistada D)

Para 3 das 4 entrevistadas, ser Quebradeira de Coco é motivo de orgulho, porque é disso que elas sobrevivem e têm o que fazer na rotina da vida. Mas para uma entrevistada, não há orgulho nessa profissão, é simplesmente a necessidade de sobreviver que a coloca nessa condição de quebradeira de coco:

“Sim, deixa, porque eu tenho o que fazer todos os dias” (Entrevistada C)

“Não tenho orgulho, quebro coco por causa da necessidade” (Entrevistada B)

“Não sei se é orgulho, mas, que foi isso que definiu minha identidade como pessoa, por isso tenho orgulho do ser humano que sou” (Entrevistada D)

Ambas entrevistadas afirmam que neste povoado, o acesso ao babaçual é liberado pelo proprietário das terras, que não exige nenhuma contrapartida pelo fruto do trabalho extrativo, ao contrário da realidade de muitos outros povoados que giram em torno da economia do babaçu:

“Tem [acesso livre], o fazendeiro nos deu o coco sem receber nada em troca” (Entrevistada A)

Por outro lado, três entrevistadas afirmaram que não conhecem a Lei do Babaçu Livre, talvez por não vivenciarem a dura realidade da interdição do acesso à palmeira no território onde vivem. Nenhuma delas participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, mas participam de uma associação de produtores:

“Não, não participo do movimento, participo da associação: sindicato dos trabalhadores rurais Vitorino Freire, Conab que participa do programa (PGM-Bio) Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade. A associação recebe do governo, vamos quebrando e entregando para o comerciante responsável por pegar, comprar o coco” (Entrevistada A)

“Não” (Entrevistada D)

Indagadas como veem a participação dos jovens na atividade, as três respondentes apontam para uma ruptura com a tradição da quebradeira de coco, indicando que possivelmente haverá uma descontinuidade em um futuro próximo, onde os jovens não

mais assumirão essa profissão; interrupção essa que coloca uma questão a refletir, sobre quem passará a representar a figura de guardião das florestas de babaçu:

“Não participa, não gosta de quebrar” (Entrevistada A)

“Não vejo estes jovens quebrando coco, nova geração não quer participar, tem outra coisa que possa fazer, espero ter um futuro melhor, trabalhar numa formação de balconista” (Entrevistada C)

“Os jovens são resistentes não gostam, não veem futuro digno como quebradeiras de coco” (Entrevistada D)

Indagadas se elas se reconhecem também como “ecologistas” por serem quebradeiras de coco, as quatro respondentes afirmaram que sim, corroborando os princípios do ecologismo popular, mesclando a economia extrativista com a preservação ambiental:

“Sim, não mata os animais nem as árvores” (Entrevistada A)

“Sim, defende os animais” (Entrevistada B)

“Sim. Porque preservo a natureza, não desmato, não matamos os animais silvestres nem os domésticos (Entrevistada D)

Natural, portanto, que as respondentes sinalizem que para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família, reconhecendo claramente o sentido do ecologismo popular, que mescla naturalmente o interesse preservacionista com o interesse da subsistência, compatibilizando um modo de produção sustentável:

“Sim, porque dela vem o meu sustento” (Entrevistada A)

“Sim, porque vivemos do coco, se nós não tivermos ele, não tem como se sustentar” (Entrevistada C)

“Sim. Sem coco não temos sustento, sem a natureza não vivemos (Entrevistada D)

Indagadas se efetuam alguma ação efetiva a favor da proteção das palmeiras, as respondentes afirmaram que há o cuidado contra o fogo, mas as respostas foram tímidas, não apontando para nenhuma ação de manejo florestal ou recuperação de área degradada, por exemplo:

“Só livro do fogo, não derrubo, nessa região aqui tem um fazendeiro, mas preserva a palmeira e permite a retirada do coco” (Entrevistada B)

“Defendo a derruba das palmeiras. Não há necessidade de fazer manejo (Entrevistada D)

Indagadas sobre qual é a relação com os órgãos ambientais federais ou estaduais de fiscalização ambiental, as entrevistadas afirmaram categoricamente que inexistem qualquer presença seja do IBAMA ou do ICMBio, com relação ao Estado na proteção dos babaçuais. O Estado se mostra ausente como uma entidade protetora das florestas de babaçu, e recai sobre elas o principal sujeito responsável pela preservação dos babaçuais:

“Existe apenas denúncia, mas ninguém faz nada, não tem fiscalização dos órgãos IBAMA ICMBio” (Entrevistada A)

Tristeza é a palavra que define, para as quatro entrevistadas, o que sentem ao verem uma palmeira de babaçu sendo derrubada:

“Sente tristeza, mas não pode fazer nada, está dentro da propriedade, eles decidem o que querem fazer” (Entrevistada A)

“Tristeza, desespero, medo de ficar sem o sustento, angústia pela falta de amor para a natureza” (Entrevistada D)

Para elas, a maior dificuldade e aquilo que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco, indiscutivelmente é a mudança da política de preços do quilo do coco, demanda alinhada com a reivindicação histórica das mulheres catadoras de babaçu, mas para uma das entrevistadas a única solução é ser dona do próprio babaçual:

“Melhorar o preço do coco que é muito desvalorizado, tem muita gente que quebra o coco só para fazer o carvão superior o quilo do coco, o carvão chega a 25 reais” (Entrevistada A)

“Aumentar o preço, porque o preço passou de R\$ 1,60 para R\$ 1,10” (Entrevistada C)

“Ser dono do babaçual.” (Entrevistada D)

Outras duas grandes dificuldades por elas enfrentadas são os mosquitos e a chuva, condições laborais degradantes no ambiente de trabalho ao relento, também alinhadas com as preocupações de outros povoados quanto às dificuldades do cotidiano:

“Ajuntar debaixo das palmeiras, o inverno por causa da água e os mosquitos” (Entrevistada B)

“Muita dificuldade por causa da chuva e do local onde está localizada as palmeiras” (Entrevistada C)

As entrevistadas reconhecem que a atividade extrativa é bastante exigente:

“É muita luta, tem que ajuntar o coco, quebrar, fazer carvão com a casca de coco para o próprio consumo, quando dá vende é para ajudar nas despesas porque só o coco é pouco” (Entrevistada B)

“Sim, considero uma profissão, porém bem difícil de ser exercida” (Entrevistada A)

“Ir buscar na solta, juntar debaixo das palmeiras, trazer para casa, quebrar debaixo de uma arvore na própria solta (Entrevistada D)

Mas uma delas destaca que recorrer diretamente aos recursos naturais para retirar o sustento representa uma dádiva; representa a autonomia do seu destino unicamente em função de um recurso extrativo gratuito:

“É disso que vivemos, é um bem que vem da natureza e dado de graça” (Entrevistada A).

Podemos perceber que análises dos dados estão de acordo com GRZEBIELUKA (2012), os povos tradicionais têm um modo próprio de viver e estabelecem relações diretas com o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de forma que estes estejam garantidos para as gerações futuras, não visam ao lucro, mas sua reprodução cultural, social e religiosa; e para tanto, utilizam de aprendizados tradicionalmente passados de geração em geração. E as falas das quebradeiras sobre os seus sentimentos em relação a derrubada da palmeira segundo as falas das entrevistadas (a) e (d) versam bem *com a autora Barbosa*. Quando ocorre o desmatamento ou o envenenamento das palmeiras o impacto não ocorre apenas nos babaçuais, mas também na vida das quebradeiras de cocos ferindo intimamente, operando como uma violência impactando em seu trabalho e em sua vida (BARBOSA, 2008, p. 263).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados coletados, podemos entender inicialmente que as respostas das entrevistadas do Povoado Mangueira foram tímidas e curtas, provavelmente em função da baixa autoestima que estão submetidas. Suas vozes não estão devidamente valorizadas. Isso ocorre por que o extrativismo do babaçu é exercido em comunidades muito pobres com alta vulnerabilidade social.

Nem todas estão satisfeitas com as condições de trabalho a qual estão expostas, como percorrer longas distâncias, carregar peso e enfrentar as condições ambientais como o frio, o calor, a chuva e os mosquitos. Percebemos que as entrevistadas neste caso específico, estão na atividade da quebra do coco babaçu não por vontade própria, mas por necessidade, porque não tem outro meio de trabalho. Percebe-se também que apesar da evolução natural da sociedade e das maneiras como o trabalho é exercido e mudam frequente, a maneira como o coco babaçu e quebrado não muda, durante gerações ainda é feita manualmente, ou seja, a atividade está estagnada, ocasionado doenças, acidentes de trabalho por ser uma atividade degradante fisicamente ao longo dos anos de exercício dessa atividade. Ou seja, não acompanham os três pilares do desenvolvimento sustentável. Para que haja o desenvolvimento sustentável é necessário que uma atividade se adeque ao pilar econômico, social e ambiental, ou seja, o extrativismo do babaçu é bom para o meio ambiente, mas vulnerável quando a questão é desenvolvimento social e econômico.

Outro ponto relevante a destacar, elas não têm estudo apenas a entrevistada 4 tem estudo as outras, não tiveram a oportunidade de estudar, ainda que elas mesmos sejam fonte de aprendizado para a sociedade, por viverem de maneira agregadora com o meio ambiente tão ameaçado.

Outro aspecto importante a salientar, ainda que a atividade extrativa do coco babaçu não impacte o meio ambiente, percebemos que as quebradeiras entrevistadas começaram muito cedo na atividade entre 8, 10, 15 anos de idade, mas nota-se uma ruptura das futuras gerações que não se interessam mais em quebrar o coco. Isso ocorre devido às condições de trabalho que são impostas às quebradeiras que são duras, e principalmente pela desvalorização do preço do coco; o que resolveria seria a modernização da cadeia produtiva do babaçu que tornaria a atividade mais fácil com a introdução de uma máquina capaz de fazer a quebra automaticamente. O problema é que ao tornar a cadeia produtiva do babaçu mecanizada, acaba por gerar uma

descaracterização na atividade extrativista do babaçu que sempre foi marcada pela quebra manual com o machado e o porrete.

Percebemos também que a única ação política que elas compartilham é quanto à valorização do preço do coco babaçu. Diferentemente de outras quebradeiras de coco babaçu, as entrevistadas têm acesso livre ao coco e sem contrapartidas.

A forma que elas utilizam para defender o meio ambiente é defender as palmeiras não ateando fogo, e defendendo os animais. Há uma crítica aos órgãos de proteção do meio ambiente que se faz ausente segundo as entrevistadas, outro ponto importe e que dependendo da região, cada quebradeira tem um contexto de vida diferente, umas fazem parte de cooperativas e associações e outras não, outras ainda são exploradas por não conhecerem os direitos que lhes são cabíveis, enquanto umas tem apoio de uma associação ou cooperativa para comercializar o coco ou para participarem de palestras e oficinas, visando melhorar a qualidade de vida das quebradeiras, outras apenas quebram e dependem de atravessadores para vender o coco, ganhando um preço abaixo do valor estabelecido pelo quilo.

Sem dúvidas o coco babaçu demonstra sua importância para a preservação ambiental, e manutenção da identidade das quebradeiras de coco babaçu. Porém os dados nos trazem um grande alerta sobre o futuro da cultura extrativista do babaçu talvez em futuro próximo essa cultura chegue ao fim, não porque as palmeiras vão deixar de existir, mas devido as condições de trabalho no extrativismo do babaçu que são duras e árduas, os jovens que são filhos de quebradeiras e tem uma história de vida atenuada ao babaçu durante gerações não querem mais exercer o trabalho extrativista do coco babaçu por que são jornadas cansativas de trabalho que exige muito esforço físico e a rentabilidade e baixa . Deste modo, para a preservação babaçu é necessário que as reivindicações das quebradeiras sejam atendidas, como melhores condições de trabalho, valoração dos produtos e subprodutos do babaçu, exemplo o óleo do babaçu que é tanto usado na própria alimentação das quebradeiras como comercializado. Deve ser traçada uma política que diminua os riscos de acidentes de trabalho, pois o machado utilizado pelas quebradeiras de coco é um instrumento afiado cortante. Para tanto é necessário o apoio governamental, principalmente com políticas que possibilitem a valorização do trabalho extrativista. E a modernização da cadeia produtiva do babaçu. Ou ocorre mudanças significativas na cadeia produtiva do babaçu ou essa atividade tem sua continuidade no futuro ameaçada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIERO, D. et al. Proposta de uma máquina para colheita mecanizada de babaçu (*Orbignya phalerata* Mart.) para a agricultura familiar. **Acta Amaz.**, Manaus, 37(3): 337-346. 2007.
- ALIER, J.M. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto. 2007.
- BAPTISTA, V.F. Relação entre o consumo e a escassez dos recursos naturais: uma abordagem histórica. **Saúde & Ambiente**, Duque de Caxias, 5(1):08-14, Jan-jun. 2010.
- BARBOSA, G.S. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, n. 4, v. 1, jan. / jun. 2008.
- BARBOSA, V. de O. Trabalho, Conflitos e Identidades numa Terra de Babaçu. **História Social**, Campinas, nº 14/15, p. 255-275. 2008.
- BARROS, A. Crise estrutural do capital e a destruição ambiental. **Revista Interfaces-Humanas e Sociais**, 1(3):21-31. 2013.
- BASTOS, L.A.; FERREIRA, I.M. Composições Fitofisionômicas do Bioma Cerrado: estudo sobre o subsistema de Vereda. **Espaço em Revista**, Catalão, 12(1):97-108. Jan.-jul. 2010.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2014.
- CARRAZZA, L.R.; SILVA, M.L. da; ÁVILA, J.C.C. **Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu**. Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Brasil, 2012.
- CORRÊA, B.S.; LOUZADA, J.N.C. Bioma Cerrado, fragmentação florestal e relações ecológicas com a avifauna. **Revista Agrogeoambiental**, Pouso Alegre, 2(3):57-72. 2010.
- CORTEZ, A. O lugar do homem na natureza. **Revista do Departamento de Geografia**, USP, São Paulo, v. 22, p. 29-44. 2011.
- COUTINHO, L.M. O conceito de Bioma. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, 20(1):13-23. Jan.-mar. 2006.
- DIEGUES, A.C. et al. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/NUPAUB/USP, 2000.
- Documentário: Raimunda a quebradeira de coco disponível em <<https://vimeo.com/160873422>> acesso 6. Jun. 2019.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.
- EMBRAPA. **Conservação da biodiversidade do Estado do Maranhão: cenário atual em dados geoespaciais**. Jaguariúna: EMBRAPA. 2016.
- FERNANDES, P.A.; PESSÔA, V.L.S. O Cerrado e suas atividades impactantes: uma leitura sobre o garimpo, a mineração e a agricultura mecanizada. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, Uberlândia, 3(7):19-37. 2011.
- FERNANDES, V.; SAMPAIO, C.A.C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.18. p. 87-94. Jul.-dez. 2008.
- FLORES, B.N.; TREVIZAN, S. dal P. Ecofeminismo e comunidade sustentável. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 32(1):11-34. 2015.
- GRZEBIELUKA, D. Por uma tipologia das Comunidades Tradicionais Brasileiras. **Revista Geografar. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Geografia - UFPR**. Curitiba,7(1):116-137. 2012.

- IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Brasília: MPOG. 2012.
- JUNIOR, M.E. de A., DMITRUK, E.J., MOURA, J.C. da C. A Lei do Babaçu Livre: uma estratégia para a regulamentação e a proteção da atividade das Quebradeiras de coco no Estado do Maranhão. **Sequência**, Florianópolis, n. 68, p. 129-157. 2014.
- KRÜGER, E.L. Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.4, p. 37-43. Jul.-dez. 2001.
- LAYRARGUES, P.P. Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito? In: **Proposta**. Rio de Janeiro, FASE, n 71, 5-10, 1997.
- LITTLE, P.E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, p. 251-290. 2004.
- MACHADO, R.B. et al. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Relatório técnico não publicado. Brasília: Conservação Internacional, 2014.
- MARIANO, Z.; SCOPEL, I.; PEIXINHO, D.; SOUZA, M. A relação homem-natureza e os discursos ambientais. **Revista do Departamento de Geografia**, USP, São Paulo, v. 22, p. 158-170, 2011.
- MARTINE, G.; ALVES, J.E.D. Economia, sociedade e meio ambiente no século 21: tripé ou trilema da sustentabilidade? **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, 32(3):433-460. Set.-dez. 2015.
- MATOS, S.M.S.; SANTOS, A.C dos. Modernidade e crise ambiental: das incertezas dos riscos à responsabilidade ética. **Trans/form/ação**, Marília, 41(2):197-216. Abr.-jun. 2018.
- MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas de mensuração prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, n.16, p. 22- 41. 2004.
- MOREIRA, E. Conhecimentos Tradicionais e sua proteção. **T&C Amazônia**, 4(11):33-41. 2007.
- MOUTINHO, K., De CONTI, L. Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 32(2):1-8. 2017.
- NASCIMENTO, U.S. Carvão de babaçu como fonte térmica para sistema de refrigeração por absorção no estado do Maranhão. **Dissertação de Mestrado Profissional**, Campinas: UNICAMP. 2004.
- OLIVEIRA, A.I.T de; ALEXANDRE, G.P.; MAHMOUD, T.S. Babaçu (*Orbignya* sp): Caracterização física de frutos e utilização de solventes orgânicos para extração de óleo. **Anais do III Simpósio de Bioquímica e Biotecnologia**, Londrina, 2(3):126-129. 2013.
- REGO, J.L, ANDRADE, M. de P. História de mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. **Agrária**, São Paulo, n. 3, p. 47-57. 2006.
- RIZZO, E. Trabalho, vida e experiência cotidiana das quebradeiras de coco de babaçu do Baixo Mearim, Estado do Maranhão. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina: ANPUH. 2005. CD-ROM.
- SALES, A. et al. Avaliação da qualidade da amêndoa do coco babaçu provenientes de Anapurus – MA. **Revista Brasileira de Gestão**, Pombal, 12(3):01-05, Jul.- set, 2018.
- SANTOS-FILHO, F.S., ALMEIDA Jr., E.B., SOARES, C.J. dos R.S. Cocais: zona ecotonal natural ou artificial? **Revista Equador**, Teresina, 1(1):2-13, Jan.-jun. 2013.
- SCHWARTZ, R.M.P.B. Quebradeiras de coco babaçu: cultura tradicional e a preservação do meio ambiente. **Emblemas**, Catalão, 14(1):53-72, Jan.-jun. 2017.

- SHIRAISHI NETO, J. Quebradeiras de coco: “babaçu livre” e reservas extrativistas. **Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**, Belo Horizonte, 14(28):147-166, jun. 2017.
- SILVA, E.M.S., NAPOLITANO, E., BASTOS, S. **Pequenos Projetos Ecosociais de Quebradeiras de coco babaçu: reflexões e aprendizados**. Brasília: ISPN. 2016.
- SILVA, R.T.; FERNANDES, V.S. Guardiãs da biodiversidade: a realidade das quebradeiras de coco babaçu no Piauí. **Ciência & Trópico**. Recife, 37(2):129-149, 2013.
- ZANIRATO, S.H.; ROTONDARO, T. Consumo, um dos dilemas da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, 30(88):77-92. 2016.
- ZIMMERMANN, C.L. Monocultura e Transgenia: impactos ambientais e insegurança alimentar. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, 6(12):79-100. 2009.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS QUESTÕES DA ENTREVISTA

Nome: _____ Idade: _____

Cidade: _____

1. Desde quando você quebra coco? E como você começou a quebrar coco? O fato de você ser mulher influenciou nessa escolha? Porque?
2. Você considera a quebra de coco como uma profissão? Um trabalho realizado que sustenta a renda familiar?
3. Como é para você viver e criar os filhos através do coco babaçu?
4. Os homens da sua família veem sua atividade de quebradeira de coco como uma ajuda para aumentar a renda ou como um trabalho importante para o sustento familiar?
5. Qual a importância do coco babaçu na sua vida?
6. Você se considera uma “quebradeira de coco”, isso define a tua identidade? Porque?
7. Ser quebradeira de coco babaçu te deixa orgulhosa? Porque?
8. Você tem livre acesso as palmeiras de babaçu? Caso negativo, porque?
9. Você conhece a lei do babaçu livre?
10. Você participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu ou de outra organização representante das quebradeiras de coco? Qual? Porque?
11. Você conhece ou faz parte de alguma cooperativa de quebradeiras de coco?
12. Qual a relação dos/as jovens de hoje com a tradição de quebrar o coco babaçu?
13. Por ser quebradeira de coco, você se reconhece também como ecologista? Porque?
14. Para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família?
15. Você faz alguma coisa para manter a palmeira do coco babaçu viva, algum manejo florestal para preservar o babaçual; ou só coleta os frutos da árvore?
16. Como é a relação do IBAMA ou ICMBio (e do órgão ambiental estadual) com a preservação dos babaçuais?
17. Você já participou de alguma manifestação em favor dos babaçuais? Como foi?
18. Qual o sentimento que você tem quando vê um babaçu derrubado?
19. Qual é a maior dificuldade que você enfrenta como quebradeira de coco?
20. O que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco?

APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistada A

1. Desde quando você quebra coco? E como você começou a quebrar coco? O fato de você ser mulher influenciou nessa escolha? Porque?

A partir dos 15 anos precisão, necessidade, não influenciou porque não tinha como fazer outra coisa, não tinha opção.

2. Você considera a quebra de coco como uma profissão? Um trabalho realizado que sustenta a renda familiar?

Sim, considero uma profissão, porem bem difícil de ser exercida e sustento da família é um complemento

3. Como é para você viver e criar os filhos através do coco babaçu?

Sinto bem, porque se não a renda da casa seria pior, não tem outra renda, não tenho nada comprado com o coco babaçu, serve para sustento.

4. Os homens da sua família veem sua atividade de quebradeira de coco como uma ajuda para aumentar a renda ou como um trabalho importante para o sustento familiar?

Um trabalho importante para o sustento da família.

5. Qual a importância do coco babaçu na sua vida?

É o óleo, a casca, tudo tem o seu valor é muito importante.

6. Você se considera uma “quebradeira de coco”, isso define a tua identidade? Porque?

Sim trabalhar, e quebradeira de coco

7. Ser quebradeira de coco babaçu te deixa orgulhosa? Porque?

Sim disso que vivemos, e um bem que vem da natureza e dado de graça.

8. Você tem livre acesso as palmeiras de babaçu? Caso negativo, porque?

Tem, o fazendeiro nos deu o coco sem receber nada em troca, só para crescer o pitombal.

9. Você conhece a lei do babaçu livre?

Não.

10. Você participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu ou de outra organização representante das quebradeiras de coco? Qual? Porque?

Não não participo do movimento, participo da associação PM BIL: sindicato dos trabalhadores rurais Vitorino Freire a associação recebe do governo, vamos quebrando e entregando, para o comerciante responsável por pegar, comprar o coco.

11. Você conhece ou faz parte de alguma cooperativa de quebradeiras de coco?

Não respondeu

12. Qual a relação dos/as jovens de hoje com a tradição de quebrar o coco babaçu?

Não participa, não gosta de quebrar só estudam, não tem ajuda de custo do governo.

13. Por ser quebradeira de coco, você se reconhece também como ecologista? Porque?

Sim, não mata os animais nem as árvores.

14. Para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família?

Sim porque dela vem o meu sustento.

15. Você faz alguma coisa para manter a palmeira do coco babaçu viva, algum manejo florestal para preservar o babaçual; ou só coleta os frutos da árvore?

Não faz manejo florestal.

16. Como é a relação do IBAMA ou ICMBio (e do órgão ambiental estadual) com a preservação dos babaçuais?

Existe apenas denuncia, mas ninguém faz nada, não tem fiscalização dos órgãos IBAMA ICMBio

17. Você já participou de alguma manifestação em favor dos babaçuais? Como foi?

Não, porque não existe na região.

18. Qual o sentimento que você tem quando vê um babaçu derrubado?

Sente tristeza, mas não pode fazer nada, está dentro da propriedade eles decidem o que querem fazer.

19. Qual é a maior dificuldade que você enfrenta como quebradeira de coco?

O valor baixo do quilo do coco.

20. O que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco?

Melhorar o preço do coco que é muito desvalorizado, tem muita gente que quebra o coco só para fazer o carvão superior o quilo do coco, o carvão chega a 25 reais.

Entrevistada B

1. Desde quando você quebra coco? E como você começou a quebrar coco? O fato de você ser mulher influenciou nessa escolha? Porque?

Desde os 10 anos de idade. Não tinha condições e não tinha outra coisa para fazer, sim influenciou porque não tinha estudo não tinha uma maneira de conseguir trabalho.

2. Você considera a quebra de coco como uma profissão? Um trabalho realizado que sustenta a renda familiar?

Sim considero uma profissão, não é uma ajuda, o coco é muito desvalorizado.

3. Como é para você viver e criar os filhos através do coco babaçu?

É muita luta tem que juntar o coco, quebrar, fazer carvão com a casca de coco para o próprio consumo, quando dá vende é para ajudar nas despesas porque só o coco é pouco.

4. Os homens da sua família veem sua atividade de quebradeira de coco como uma ajuda para aumentar a renda ou como um trabalho importante para o sustento familiar?

É importante porque pago o curso do filho com a renda vinda do coco.

5. Qual a importância do coco babaçu na sua vida?

Receber uma quantia por ano da associação, quanto mais coco quebrar, e passo para a associação e recebo pelo quebrado.

6. Você se considera uma “quebradeira de coco”, isso define a tua identidade? Porque?
A identidade e como lavrador, porque facilita para aposentadoria.

7. Ser quebradeira de coco babaçu te deixa orgulhosa? Porque?
Não tenho orgulho quebro coco por causa da necessidade.

8. Você tem livre acesso as palmeiras de babaçu? Caso negativo, porque?
Tem um proprietário do terreno que fornece e fornece para a associação, parceria com sindicato de Vitorino freire.

9. Você conhece a lei do babaçu livre?
Não

10. Você participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu ou de outra organização representante das quebradeiras de coco? Qual? Porque?
Não participa. Outra organização a associação. Programa PM BIL.

11. Você conhece ou faz parte de alguma cooperativa de quebradeiras de coco?
Participa da associação.

12. Qual a relação dos/as jovens de hoje com a tradição de quebrar o coco babaçu?
Não gostam, vê como uma profissão

13. Por ser quebradeira de coco, você se reconhece também como ecologista? Porque?
Sim defende os animais.

14. Para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família?
Sim porque os fazendeiros não dão proteção.

15. Você faz alguma coisa para manter a palmeira do coco babaçu viva, algum manejo florestal para preservar o babaçual; ou só coleta os frutos da árvore?

Só livra do fogo não derruba, nessa região aqui tem um fazendeiro, mas preserva a palmeira e permite a retirada do coco.

16. Como é a relação do IBAMA ou ICMBio (e do órgão ambiental estadual) com a preservação dos babaçuais?

Não tem nenhuma relação com o IBAMA ou ICMBio

17. Você já participou de alguma manifestação em favor dos babaçuais? Como foi?

Não, aqui não tem

18. Qual o sentimento que você tem quando vê um babaçu derrubado?

E triste, sente tristeza

19. Qual é a maior dificuldade que você enfrenta como quebradeira de coco?

Ajuntar debaixo das palmeiras, o inverno por causa da água e os mosquitos,

20. O que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco?

O aumento no preço do quilo e fiscalização.

Entrevistada C

1. Desde quando você quebra coco? E como você começou a quebrar coco? O fato de você ser mulher influenciou nessa escolha? Porque?

Desde os 8 anos de idade, tirava banda, não influenciou sendo homem ou mulher ia tendo que ser, só tinha o coco.

2. Você considera a quebra de coco como uma profissão? Um trabalho realizado que sustenta a renda familiar?

Sim porque e a coisa que temos. Eu não tenho estudo, ou outra coisa que poça fazer.

Não tenho renda é disso que tenho o meu sustento.

3. Como é para você viver e criar os filhos através do coco babaçu?

4. Os homens da sua família veem sua atividade de quebradeira de coco como uma ajuda para aumentar a renda ou como um trabalho importante para o sustento familiar?

Importante como o sustento, não tem outra renda.

5. Qual a importância do coco babaçu na sua vida?

É importante e tudo o que tenho e do coco comida etc.

6. Você se considera uma “quebradeira de coco”, isso define a tua identidade? Porque?

Sim. Eu, me considero uma quebradeira de coco.

7. Ser quebradeira de coco babaçu te deixa orgulhosa? Porque?

Sim, deixa, porque eu tenho o que fazer todos os dias.

8. Você tem livre acesso as palmeiras de babaçu? Caso negativo, porque?

Tenho, porque nós pegamos o coco, livremente, o fazendeiro não impede que peguem o coco.

9. Você conhece a lei do babaçu livre?

Não

10. Você participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu ou de outra organização representante das quebradeiras de coco? Qual? Porque?

Não

11. Você conhece ou faz parte de alguma cooperativa de quebradeiras de coco?

Não

12. Qual a relação dos/as jovens de hoje com a tradição de quebrar o coco babaçu?

Não vejo estes jovens quebrando coco, nova geração não querem participar, tem outra coisa que possam fazer, espero ter um futuro melhor, trabalhar numa formação de balconista.

13. Por ser quebradeira de coco, você se reconhece também como ecologista? Porque?

Sim defende predação.

14. Para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família?

Sim porque vivemos do coco, se nós não tiver ele, não tem como se sustentar.

15. Você faz alguma coisa para manter a palmeira do coco babaçu viva, algum manejo florestal para preservar o babaçual; ou só coleta os frutos da árvore?

Só coleta, pegamos dentro do solo alheio.

16. Como é a relação do IBAMA ou ICMBio (e do órgão ambiental estadual) com a preservação dos babaçuais?

Não, não fiscaliza.

17. Você já participou de alguma manifestação em favor dos babaçuais? Como foi?

Não

18. Qual o sentimento que você tem quando vê um babaçu derrubado?

Tristeza, sente importante o coco.

19. Qual é a maior dificuldade que você enfrenta como quebradeira de coco?

Muita dificuldade por causa da chuva e do local onde está localizada as palmeiras

20. O que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco?

Aumentar o preço por que o preço passou de R\$ 1,60 para R\$ 1,10.

Entrevistada D

1. Desde quando você quebra coco? E como você começou a quebrar coco? O fato de você ser mulher influenciou nessa escolha? Porque?

Desde criança. Minha mãe quebrava coco e ajudava. Não. Fato de ser de ser mulher não influenciou, mas, a necessidade

2. Você considera a quebra de coco como uma profissão? Um trabalho realizado que sustenta a renda familiar?

Sim. Quebrando coco se sustenta toda a família.

3. Como é para você viver e criar os filhos através do coco babaçu?

Eu fui quebradeira de coco, vivia com dignidade.

4. Os homens da sua família veem sua atividade de quebradeira de coco como uma ajuda para aumentar a renda ou como um trabalho importante para o sustento familiar? Como algo importante para o sustentado da família.

5. Qual a importância do coco babaçu na sua vida?

Muito importante, porque sem o coco babaçu não tinha como viver.

6. Você se considera uma “quebradeira de coco”, isso define a tua identidade? Porque?

Me define como pessoa que é obrigada a tirar do coco babaçu o sustento.

7. Ser quebradeira de coco babaçu te deixa orgulhosa? Porque?

Não sei se é orgulho, mas, que foi isso que definiu minha identidade como pessoa por isso tenho orgulho do ser humano que sou.

8. Você tem livre acesso as palmeiras de babaçu? Caso negativo, porque?

Sim, de alguns fazendeiros, nem todos eles deixa ter livre acesso as palmeiras em suas fazendas.

9. Você conhece a lei do babaçu livre? Não

10. Você participa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu ou de outra organização representante das quebradeiras de coco? Qual? Porque?

Nunca fiz parte de nenhum movimento de quebradeira de coco.

11. Você conhece ou faz parte de alguma cooperativa de quebradeiras de coco?

Conhecia cooperativa, mas, nunca fiz parte.

12. Qual a relação dos/as jovens de hoje com a tradição de quebrar o coco babaçu?

Os jovens são resistentes não gostam, não ver futuro digno como quebradeiras de coco.

13. Por ser quebradeira de coco, você se reconhece também como ecologista? Porque?

Sim. Porque preservo a natureza, não desmato, não matamos os animais silvestres nem os domésticos.

14. Para uma quebradeira de coco, proteger a natureza é a mesma coisa que proteger a fonte do sustento da sua família?

Sim. Sem coco não temos sustento, sem a natureza não vivemos.

15. Você faz alguma coisa para manter a palmeira do coco babaçu viva, algum manejo florestal para preservar o babaçual; ou só coleta os frutos da árvore?

Defendo a derruba das palmeiras. Não necessidade de fazer manejo.

16. Como é a relação do IBAMA ou ICMBio (e do órgão ambiental estadual) com a preservação dos babaçuais? Nenhuma, nem sabemos se existe IBAMA E ICMBio

17. Você já participou de alguma manifestação em favor dos babaçuais? Como foi?

Nunca participei manifestação a favor do babaçu.

18. Qual o sentimento que você tem quando vê um babaçu derrubado?

Tristeza, desespero, medo de ficar sem o sustento, angustia pela falta de amor para a natureza.

19. Qual é a maior dificuldade que você enfrenta como quebradeira de coco?

Ir buscar na solta, juntar debaixo das palmeiras, trazer para casa, quebrar debaixo de uma árvore na própria solta.

20. O que ajudaria a melhorar a vida das quebradeiras de coco?

Ser dono do babaçual.